

UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA
ÁREA DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

JOSÉ CARLOS BERTÉ

PRÁTICA DE LEITURA DE ESTUDANTES E PROFESSORES DO TERCEIRO ANO
DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS: POTENCIALIDADES E
LIMITAÇÕES

Joaçaba - SC

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

JOSÉ CARLOS BERTÉ

PRÁTICA DE LEITURA DE ESTUDANTES E PROFESSORES DO TERCEIRO ANO
DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS: POTENCIALIDADES E
LIMITAÇÕES

Orientadora: Dra. Maria Bernadete Mustifaga

Joaçaba - SC

2010

B537p Berté, José Carlos

Prática de leitura de estudantes e professores do terceiro ano do ensino médio de escolas públicas: potencialidades e limitações. / José Carlos Berté – 2010.

103 f.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Oeste de Santa Catarina. Programa de Mestrado em Educação, Joaçaba, SC, 2010. Bibliografia: f. 101 - 103.

1. Leitura 2. Formação de leitores I. Título.

CDD – 372.

JOSÉ CARLOS BERTÉ

PRÁTICA DE LEITURA DE ESTUDANTES E PROFESSORES DO TERCEIRO ANO
DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS: POTENCIALIDADES E
LIMITAÇÕES

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação, Universidade do Oeste de Santa Catarina, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Políticas e Processos em Educação.

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Bernadete Mustifaga
Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC
Nota atribuída

Prof^o. Dr^o. Roque Strieder
Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC
Nota atribuída

Prof^a. Dr^a. Maria dos Anjos Lopes Viella
Unochapecó
Nota atribuída

Dedico este estudo à minha esposa Maria Irani, como forma de gratidão pelo esforço, incentivo, paciência, apoio e dedicação durante a realização do Mestrado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço àquele que tudo me deu e nada pediu em troca, Deus, por nunca ter me deixado nos momentos difíceis quando o desânimo teimava em vencer, por ter me permitido chegar até aqui.

À minha esposa, que sempre esteve presente, com um sorriso amigo e um beijo na hora do adeus. Entendendo e aceitando ser trocada por uma pilha de livros. Também, são dela as alegrias de hoje, pois o amor e estímulo foram primordiais para esta vitória.

Aos professores, muito obrigado, pois além de nos auxiliarem na construção do conhecimento, deram-nos o apoio amigo.

Em especial, à minha orientadora, Dra. Maria Bernadete Mustifaga, que realizou um trabalho significativo e marcante, despertando-me para buscar com garra e continuidade o conhecimento.

Enfim, a todos que de uma forma ou outra contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação.

[...] a leitura, enquanto ação, não se resolve apenas no ato individual, se não que reflete uma opção política do estado e de seus cidadão.

(Ezequiel Theodoro da Silva)

RESUMO

O presente estudo, realizado no curso de Mestrado em Educação da Unoesc, na linha de pesquisa “processos educativos,” traz reflexões acerca da leitura, prática presente em todas as esferas sociais. Esta pesquisa objetivou identificar as potencialidades e as limitações presentes nas práticas de leitura desenvolvidas por estudantes e professores do terceiro ano do ensino médio de escolas públicas, bem como as estratégias de leitura desenvolvidas em sala de aula, os materiais de leitura utilizados, as formas de motivação dos professores para as práticas da leitura significativa. Por fim, caracterizar as práticas de leitura desenvolvidas pelos alunos e professores além da escola. Para o desenvolvimento desta investigação, utilizou-se as metodologias da pesquisa bibliográfica e de campo, com ênfase qualitativa. Para a pesquisa de campo, fez-se uso de dois instrumentos de pesquisa: teste específico de letramento (leitura significativa) contendo nove questões de múltipla escolha, uma questão dissertativa, duas questões de decodificação linguística e uma de reorganização textual; questionário acerca da leitura para a identificação das práticas de leitura. Efetuada a análise dos dados, considera-se que os professores obtiveram êxito na realização do teste de letramento; os alunos apresentaram maiores dificuldades. Observa-se, também, que a leitura é uma prática constante nas salas de aula e que há, por parte dos professores, uma busca para desenvolver, em sala, o gosto pela leitura. A partir dos dados coletados e do estudo teórico da pesquisa, tem-se que as estratégias de leitura precisam considerar a realidade social, o nível intelectual, corresponder às expectativas dos estudantes, visando à compreensão e interpretação. Ressalta-se que, no cotidiano, só o saber codificar e decodificar não são condições suficientes para o exercício pleno da cidadania, é necessário saber utilizar a leitura nas mais variadas situações; acredita-se que, pelo que demonstraram, os professores sabem disso e buscam formar leitores efetivos, capazes de refletir sobre as leituras que realizam.

Palavras-Chave: Leitura. Práticas. Estratégias. Leitores. Letramento.

ABSTRACT

The present study, done in the Mastering Course in Education, at UNOESC, In the line research about “educational processes”, brings thoughts about the reading, practical present in all the social spheres. This research had as aim to identify the potentialities and the limitations present in the reading practices developed by students and teachers of the third year of high school of public schools, as well as the modalities of reading developed in classroom, the reading materials used in the classroom, the ways of teachers’ motivation for the practice of the meaningful reading. Finally, to characterize the reading practices developed by the teachers and students beyond the school. For this development, the bibliographic and field research has been used, with qualitative emphasis. For the field research, two research instruments have been used: specific test of meaningful reading (understanding) containing nine questions of multiple choices, a written one, two questions of linguistic codification and text reorganization; questionnaire about the reading, for the identification of reading practices. After the analysis of the data has been made, it is considered that the teachers had gotten success in the accomplishment of the reading and understanding test; the students had presented greater difficulties. It has also been observed that the reading is a constant practice in the classrooms and that there is, in relation to the teachers, the aim to develop in room the enjoying for the reading in their students. From the collected data and from the theoretical study of this research, we could realize that the reading strategies should take along the social reality, and intellectual level, to correspond to the students’ expectations, in order to reach the comprehension and understanding. It can be pointed out that, currently, only knowing how to codify and to decode are not enough conditions for the full exercise of the citizenship, it is also necessary to know how to use the reading in the most varied daily situations; we could believe that for what they had demonstrated, the teachers know about it and they try to create or produce effective readers, able to reflect on the readings they have done.

KEY WORDS: Meaningful reading. Writing. Understanding.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.1	Idade dos alunos da amostra.....	65
Gráfico 1.2	Sexo dos alunos da amostra.....	66
Gráfico 1.3	Idade dos professores da amostra.....	66
Gráfico 1.4	Sexo dos professores da amostra.....	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1	Respostas dadas à questão 10 do teste específico.....	73
Quadro 1.2	Respostas dadas à questão 13 do teste específico.....	76
Quadro 1.3	Respostas dadas pelos alunos à questão 1 do questionário sobre leitura.....	77
Quadro 1.4	Respostas dadas pelos alunos à questão 2 do questionário sobre leitura.....	79
Quadro 1.5	Respostas dadas pelos alunos à questão 3 do questionário sobre leitura.....	82
Quadro 1.6	Respostas dadas pelos alunos à questão 4 do questionário sobre leitura.....	84
Quadro 1.7	Respostas dadas pelos alunos à questão 5 do questionário sobre leitura.....	87
Quadro 1.8	Respostas dadas pelos professores à questão 1 do questionário sobre leitura.....	89
Quadro 1.9	Respostas dadas pelos professores à questão 2 do questionário sobre leitura.....	91
Quadro 1.10	Respostas dadas pelos professores à questão 3 do questionário sobre leitura.....	92
Quadro 1.11	Respostas dadas pelos professores à questão 4 do questionário sobre leitura.....	93
Quadro 1.12	Respostas dadas pelos professores à questão 5 do questionário sobre leitura.....	95

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A LEITURA E SUA IMPORTÂNCIA	15
2.1 ESTRATÉGIAS DE LEITURA.....	23
2.2 LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO.....	27
3 A LEITURA NO BRASIL	36
4 LEITURA: REPENSANDO PRÁTICAS E MATERIAIS	47
5 LEITURA DE ESTUDANTES E PROFESSORES	65
5.1 ANÁLISE DOS DADOS: TESTE ESPECÍFICO DE LEITURA SIGNIFICATIVA.....	67
5.1.1 As questões do teste de múltipla escolha	67
5.1.2 A questão do teste de resposta livre	73
5.1.3 As questões do teste de decodificação linguística	74
5.1.4 As questões do teste de reorganização textual	75
5.2 A PRÁTICA DE LEITURA DOS ALUNOS.....	77
5.3 A PRÁTICA DE LEITURA DOS PROFESSORES.....	89
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	101

1 INTRODUÇÃO

Conforme Lajolo e Zilberman (1998), a leitura teve seu início na Europa e, a partir do século XVII, considera-se que a leitura passou a existir como prática social. Com o passar dos anos, com as transformações e desenvolvimento da população mundial, foi se expandindo por todo o mundo.

A leitura e também a escrita podem ser consideradas importantes elementos para a comunicação dos sujeitos, pois a palavra escrita pode perdurar por muito tempo, e servir de elemento comunicativo não só entre os seres que habitam o planeta em uma mesma época, como também entre sujeitos de épocas diferentes. Como já é de conhecimento comum, grande parte das informações históricas que o mundo possui hoje são oriundas de escritos deixados pelos antepassados.

Ressalta-se, também, que a leitura faz com que aumente o conhecimento dos cidadãos, visto que é fonte de informação, e proporciona ao indivíduo a oportunidade de desenvolvimento de um país melhor.

Atualmente, pode-se dizer que a leitura está presente em todos os lares, sendo, cada vez mais, procurada pelos leitores da sociedade brasileira. Saliencia-se que os cidadãos alfabetizados e, também, aqueles que não o são, mas, que são letrados, estão engajados na busca por novos conhecimentos oriundos da leitura. Nunca, o incentivo à prática da leitura esteve tão presente nas sociedades mundiais e, principalmente, na sociedade brasileira. No último milênio é crescente o número de pessoas alfabetizadas, conforme comprovam os dados dos censos, o que, sem dúvida, resultou em um enriquecimento intelectual e cultural da população mundial.

Vê-se que a leitura possui os mais variados objetivos para quem a pratica, pode ser uma mera atividade de lazer, em que se lê para passar o tempo, pode ser uma atividade acadêmica, em que se lê para adquirir conhecimentos científicos necessários.

Frisa-se que a leitura traz importantes contribuições para o sujeito que a pratica, pois quanto mais se lê, melhor se lê, logo o sujeito possui mais autonomia devido as informações e conhecimentos obtidos. Diante disso, a leitura possibilita ao sujeito uma visão mais abrangente da realidade que o cerca, o que contribui para

seu desenvolvimento e inserção social.

Esta pesquisa, *Prática de leitura de estudantes e professores do terceiro ano de ensino médio de escolas públicas: potencialidades e limitações*, tem por objetivo maior identificar as potencialidades e as limitações presentes nas práticas de leitura desenvolvidas por estudantes e professores do terceiro ano do ensino médio de escolas públicas e como objetivos específicos: identificar as modalidades de leitura desenvolvidas em sala de aula pelos alunos do terceiro ano do ensino médio; identificar e caracterizar as práticas de leitura desenvolvidas pelos alunos e professores além da escola; identificar os materiais de leitura usados na sala de aula e em outras situações em que os estudantes e os professores praticam a leitura; observar as estratégias utilizadas pelos professores para motivarem a leitura, identificar o nível de leitura significativa de professores e alunos do terceiro ano do ensino médio.

Para atingir tais objetivos buscou-se em autores da área subsídios teóricos que dessem sustentação para a análise dos dados coletados por meio de questionários abertos, desenvolvidos com base nas questões de pesquisa, respondidos pelos alunos do terceiro ano do ensino médio de duas escolas pesquisadas, uma localizada no município de Palma Sola e a outra localizada no município de São José do Cedro. A seleção das escolas deveu-se ao fato de nelas ter observado um interesse para ampliação da compreensão do processo de leitura.

Dessa população selecionou-se como amostra uma turma do terceiro ano do ensino médio de cada uma das escolas, totalizando 39 alunos, bem como todos os professores que atuam nessas turmas, que totalizam 15 professores, das áreas de matemática, português, Inglês, história, geografia, física, química, sociologia, biologia, e educação física.

A coleta de dados foi efetuada em dois momentos, no primeiro aplicou-se um questionário aos alunos e outro aos professores da amostra acerca da leitura significativa. Os questionários foram elaborados e testados pelo mestrando e orientadora. Cada questionário composto por cinco questões abertas. Essas questões visavam a identificar se os alunos e professores consideram a prática da leitura importante, se possuem esse hábito e o praticam, tanto na escola, com atividades em sala de aula, como fora da escola, ou seja, se desenvolvem atividades

letradas em suas vidas diárias.

No segundo momento, aplicou-se um teste específico de leitura significativa. Esse foi desenvolvido e testado pela Dra. Maria Bernadete Mustifaga, prática que desenvolveu no curso de doutorado (PUCRS) na disciplina de medidas em leitura. As questões para medir o desempenho em leitura foram baseadas nos princípios de Vianna (2002). Para o autor, a análise dos testes possibilita identificar deficiências na elaboração das questões bem como medir o grau de dificuldade das mesmas.

A análise do teste foi realizada a partir dos questionamentos sobre as questões realizados pelos indivíduos e pelo desempenho do grupo em teste. Questões que mais de 90% acertaram foram consideradas fáceis; questões com mais de 50% acerto foram consideradas de dificuldade média e questões com menos de 50% acerto foram consideradas de dificuldade maior, ficando assim o teste de múltipla escolha organizado com questões dos três níveis.

Para esta pesquisa, optou-se, no teste específico de leitura significativa, por quatro tipos de itens: múltipla escolha, decodificação linguística, organização textual e resposta livre. As questões de múltipla escolha foram elaboradas a partir de um texto base, com o objetivo de medir a capacidade de fazer inferências ao texto e ao contexto, habilidade necessária para a prática da leitura significativa. As questões de decodificação e de organização de informação objetivaram avaliar a capacidade de leitura e sequencia lógica do leitor. O item de resposta livre investigou a capacidade de leitura e análise textual a partir de um texto base, aspecto necessário para a atribuição de significado às leituras realizadas.

O presente estudo encontra-se organizado em seis partes. Sendo esta a primeira. A segunda, denominada *A leitura e sua importância*, discute as estratégias de leitura, o letramento e a alfabetização, apresentando posições de diversos autores acerca do tema pesquisado, entre eles destacam-se: FOUCAMBERT, KAUFMAN, KLEIMAN, SILVA, SOLÉ. A terceira, *A leitura no Brasil*, apresenta um pouco de como está a leitura na realidade brasileira, os projetos para seu desenvolvimento, entre outros aspectos. A quarta parte, *Leitura: entre práticas e materiais*, apresenta os materiais e práticas de leitura para a sala de aula, levando em consideração o conhecimento do professor sobre as práticas e os materiais, considerando, também, as habilidades desenvolvidas pelos alunos por meio das

práticas e materiais de leitura. Na quinta parte são apresentados os dados da pesquisa realizada com alunos e professores. Na parte seis expõe-se as considerações construídas após a pesquisa.

2 A LEITURA E SUA IMPORTÂNCIA

Este capítulo apresenta reflexões sobre a importância da leitura, especialmente, com relação a prática escolar. Traz ainda a importância que as habilidades e as estratégias de leitura tem no desenvolvimento dessa, embora sejam necessárias, mas não suficientes, para discutir as questões do letramento e da alfabetização.

Desde seu surgimento a palavra escrita tem sua importância. No princípio, códigos escritos eram utilizados para descrever situações cotidianas, por exemplo a caça. Esses símbolos escritos são uma das poucas fontes de comunicação das gerações atuais com aquela geração, pois naquela época os conhecimentos eram transmitidos, basicamente, de forma oral. Posteriormente, com a invenção do alfabeto, a escrita e a leitura passaram a ser um elemento de comunicação na sociedade, como também uma forma de registro dos acontecimentos sociais e descobertas da ciência. Isso demonstra que há muito tempo a escrita e a leitura vem exercendo seu papel como instrumento de comunicação da humanidade seja entre pessoas pertencentes a mesma geração, seja com gerações passadas que deixaram seus legados por meio da palavra escrita.

A leitura é essencial para todas as pessoas, é necessária e, cada vez mais, exigida ao sujeito para que esse faça e se sinta parte da sociedade. Allende e Condemarín enfatizam que:

A leitura está longe de ser um processo passivo: todo texto, para ser interpretado exige uma ativa participação do leitor. O texto escrito só oferece linguagem, desligada de qualquer situação e sem apoio extralinguístico. A partir dos sinais impressos, o leitor reconstitui as palavras; ele as escuta como se existisse ao dar a elas um ritmo e uma entonação que ele inventa. Ao ler, criam-se imagens internas, estimuladoras do pensamento e da criatividade; estas imagens são criadas a partir das próprias experiências e necessidades. O leitor não se limita a reproduzir o código do emissor: ele aplica ao texto os seus próprios códigos interpretativos, o que lhe permite concluir segundo o seu manejo da língua e o seu domínio da matéria. E, ao contrário, quem vê as imagens da televisão, cine ou quadrinhos tem que aceitar as imagens impostas sem exercitar a criatividade. (2005 p.15 e 16).

Entende-se que a leitura exige do leitor uma habilidade para poder entender o que está escrito, de maneira que ele precisa ativar seus conhecimentos prévios: linguísticos, de mundo, entre outros conhecimentos, para que possa desvendar o que o texto busca repassar, interagindo com o texto para melhor compreendê-lo. Assim, o leitor consegue criar em sua mente imagens daquilo que está escrito, pois faz relação daquilo que lê, com o que já sabe. Construindo sua interpretação acerca do que leu.

É importante que o leitor compreenda aquilo que lê, pois somente quando há compreensão a leitura é significativa para quem a pratica, Allende e Condemarín explicam que:

A leitura tem nítidos efeitos sobre a própria linguagem, tanto a falada como a escrita, Estes efeitos, de algum modo, podem ser atribuídos a uma função metalinguística cujas principais manifestações podem ser:

- Familiarização com estruturas próprias da linguagem escrita. O leitor, através da leitura, familiariza-se com tipos de expressão que não são utilizados em outras formas de linguagem. Estas estruturas são a base do uso da língua num nível “culto formal”, que é a modalidade básica de comunicação no mais alto nível.
- Incremento no vocabulário. A leitura é a grande fonte para o aumento do vocabulário. Graças às chaves do contexto, o leitor pode incorporar ao seu léxico, sem nenhuma dificuldade, novas palavras. A imagem gráfica da palavra contribui eficazmente para a sua memorização.
- Aprimoramento da ortografia: leitura e ortografia relacionam-se significativamente. Os testes de leitura e ortografia apresentam uma faixa de correlação entre 0,80 e 0,85. Esta alta correlação indica que são escassos os bons leitores com deficiências ortográficas, e que a grande maioria dos leitores deficientes têm, por sua vez má ortografia. De fato, a leitura apresenta ao leitor as palavras como sequência de letras que lhe proporcionam uma imagem gráfica a qual lhe permite reproduzir corretamente a escrita. (2005, p. 22 e 23).

Sendo assim, a leitura pode acarretar mudanças positivas no indivíduo, ajudando-lhe a melhor compreender o texto escrito, visto que quanto mais ele ler, quanto maior for o contato com a linguagem escrita, maior é o conhecimento que o leitor passa a adquirir do mundo das letras, o que resulta em um vocabulário mais rico, uma escrita correta, bem como uma melhor estruturação da palavra escrita na produção de textos.

O conhecimento prévio do indivíduo torna mais fácil a compreensão do texto,

pois o leitor consegue estabelecer relação entre o que o texto lhe traz e o conhecimento já adquirido. Quanto mais leituras forem feitas mais amplo será o vocabulário do leitor, o que lhe auxilia na compreensão, gerando um aprimoramento dos conhecimentos que já possui. Allende e Condemarín argumentam que:

Um dos fins do ensino da leitura é possibilitar o acesso as obras literárias. As obras literárias constituem um modo específico de expressão. Elas referem-se a todo tipo de realidade, utilizando o código “poético” que as diferencia das obras lógicas discursivas, científicas ou similares. (2005, p. 208).

Constata-se que as obras literárias contribuem na formação do aluno enquanto sujeito da sociedade. É importante fornecer a todos livre acesso às obras literárias, pois elas apresentam características específicas e são uma forma de expressão cultural. Elas englobam histórias de todas as classes, de muitos lugares, permitindo ao aluno “viajar” sem sair da sala de aula, o que além de alimentar a imaginação, desenvolvendo uma mente mais criativa, também é o único meio pelo qual os alunos, principalmente os carentes, podem conhecer outros lugares do mundo. Allende e Condemarín manifestam que:

Justamente por encontrar-se em preparação para o domínio da via racional, a criança, dentro dos seus limites, é um ótimo sujeito para a literatura. Nela a criança vai encontrar a grande via para a compreensão do mundo ou, pelo menos, uma via muito importante. Um erro lamentável no ensino da leitura foi a sua separação da literatura ou, pior ainda, a criação de uma pseudo-literatura infantil (imaginada infantil pelos adultos, desconhedores da realidade das crianças), somente apta para as primeiras etapas da aprendizagem da leitura. Não nos iludimos: a criança não pode começar lendo *O Quixote* nem *o Fausto*; mas, antes de aprender a ler, é capaz de entender a maioria das histórias fantásticas tradicionais (*A Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho*) e outras histórias, como os contos de Andersen (*O Soldadinho de Chumbo*, *O Patinho Feio*), que têm elementos compreensíveis para elas e uma estrutura narrativa clara. (2005, p. 208 e 209).

Discute-se que a literatura infantil precisa ser trabalhada de forma adequada, sem restringir o aluno à apreciação de sua beleza, o que ocorre em muitos casos em

que o texto na sala de aula serve apenas como um pressuposto para o ensino de gramática. Quando isso é feito, o aluno é privado de ampliar os seus horizontes, pois limita-se ao conhecimento trazido pelo texto, o qual pode auxiliar o aluno numa visão mais abrangente da realidade, propiciando-lhes uma maior bagagem na busca da inserção social.

Verifica-se que um dos aspectos que gera o desinteresse nos alunos pela leitura, muitas vezes, é a dificuldade que o professor tem para trabalhar a leitura, a qual é tida como elemento secundário no planejamentos das aulas. Segundo Orlandi:

Em um sentido amplo podemos ter na leitura uma espécie de julgamento, de avaliação, de apreciação do que é lido. Isso em diversos níveis. Julgamento do autor (“é um bom autor”); do texto (“é um livro interessante”); do próprio leitor (“eu não entendi direito”). Isso aparece tanto no cotidiano do leitor quanto em situações mais marcadas institucionalmente, como no caso da escola. A leitura do aluno é constantemente julgada, avaliada pelo professor. Tal julgamento regula imaginariamente o procedimento de leituras dos alunos, afetando desde a imagem dele na sala de aula até a sua efetiva aprovação escolar. Os alunos, para obterem boas avaliações, boas notas, devem se inteirar das estratégias de leitura adequadas [...]. (1998, p. 31).

Constata-se que, na maioria das vezes, a leitura é tida em sala de aula como algo obrigatório, imposto pelo professor, e não como algo prazeroso e útil para o desenvolvimento do aluno, como deve ser. É preciso que o professor faça uso de estratégias diversificadas de leitura, para criar em seus alunos o hábito da leitura, para que isso não se torne algo cansativo, tanto para o aluno que lê obrigado, quanto para o professor que precisa impor as leituras. Faz-se necessário, então, tornar a prática de leitura prazerosa em sala de aula e fora dela, e, para isso, professores e alunos precisam ter consciência da importância da leitura.

Entende-se que a leitura constitui a base de todo o trabalho escolar, sendo de primordial importância na formação do ser humano, pois ela abre caminhos para o enriquecimento sócio-cultural, do espírito crítico e constrói a qualificação profissional necessária. Silva, em seu livro: *O ato de ler*, afirma que:

A atividade de leitura se faz presente em todos os níveis educacionais das sociedades letradas. Tal presença sem dúvida marcante e abrangente, começa no período de alfabetização, quando a criança passa a compreender o significado potencial de mensagens registradas através da escrita. Após essa fase de iniciação, o aluno continua a se encontrar com livros-textos (materializados, na prática escolar, sob a forma de livro-adotado, texto base, bibliografia obrigatória, leitura suplementar, apostila, etc...) ao longo de toda a sua trajetória acadêmica. (2000, p. 31).

Conforme o autor escreve, a leitura, em sociedades letradas, está presente em todas as fases do desenvolvimento educacional. A criança de uma sociedade letrada, geralmente, tem contato com a leitura antes mesmo de começar a frequentar a escola, mas é na escola que, a grande maioria, iniciará seu estágio de compreensão dos processos de leitura e de escrita. Para isso, acredita-se que o professor deve trabalhar com materiais significativos para o aluno, utilizando textos que partam de sua realidade.

É importante que a prática da leitura, além de ser trabalhada de forma significativa, seja vista como algo imprescindível ao desenvolvimento individual e social de cada indivíduo. Foucambert define que:

Ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça do outro, para compreender melhor o que se passa na nossa. Essa atitude, no entanto, implica a possibilidade de distanciar-se do fato para ter dele uma visão de cima, evidenciado de um aumento do poder sobre o mundo e si por meio desse esforço teórico. Ao mesmo tempo, implica o sentimento de pertencer a uma comunidade de preocupações que, mais que um destinatário, nos faz interlocutor daquilo que o autor produziu. Isso vale para todos os tipos de texto, seja um manual de instruções, seja um romance, um texto teórico ou um poema.

Tudo isso constitui o estatuto do leitor; a partir desse estatuto, prévio e incondicional, é que cada um pode desenvolver as respostas técnicas que lhe permitirão exercê-lo. Esse estatuto antecede o saber.

É no desenvolvimento de seu poder sobre si e sobre o mundo que a criança encontra a escrita e, portanto aprende a ler.[...] (1994, p. 30).

Conforme Foucambert descreve, o indivíduo que possui o hábito da leitura busca entender o que acontece ao seu redor e isso faz com que ele passe a ter uma visão mais abrangente acerca do fato que busca saber, visto que a leitura proporciona contato com outras visões, conhecimentos, sobre aquilo que se deseja

conhecer. Diante disso, considera-se que pela leitura é possível o leitor transformar-se, pois agrega novas informações e conseqüentemente novos conhecimentos, o que diferencia o leitor proficiente, ativo, do não leitor ou daquele que possui pouco contato com a leitura.

Cabe ressaltar que o ato de ler e de querer saber ler, na abrangência de uma visão globalizada de si próprio e dos indivíduos que compõem a sociedade como um todo, evidencia no leitor o desenvolvimento de seu poder sobre si e sobre o mundo. Kaufman em seu livro: *A Leitura, a Escrita e a Escola*, coloca que:

Ensinar a ler e escrever não significa fornecer uma técnica, mas dar um modo cultural de se comportar. Sabe ler a pessoa que gosta de ler, não a pessoa que lê corretamente, e em exame. Sabe escrever a pessoa que utiliza a linguagem escrita de modo correto, não a que, quando vai prestar um serviço militar sabe escrever diante do oficial: "Sou um cidadão italiano", como se fazia na Itália para se demonstrar que se estava alfabetizado. (1994, p. 85).

Conforme a autora, o ensino do ler e do escrever não é meramente ensinar a codificação e decodificação da palavra escrita, mas sim fazer com que o aluno compreenda os processos de leitura e escrita, salientando que esses são processos complementares e interdependentes, e utilize-os de forma correta em sua vida, fazendo desses processos instrumentos de aprendizagens significativas, melhorando o relacionamento consigo e com outro por meio da melhor compreensão de mundo que a palavra escrita tem o poder de proporcionar.

Portanto, quanto mais o aluno ler, maior e mais rico torna-se o seu vocabulário, ampliando também sua maneira de escrever, pois quanto maior a quantidade e a qualidade das leituras maior será o seu conhecimento linguístico e de mundo. Foucambert considera que:

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra partes das novas informações ao que já se é.

Um poema ou uma receita, um jornal ou um romance, provocam questionamentos, exploração do texto e respostas de natureza diferente; mas o ato de ler, em qualquer caso, é o meio de interrogar a escrita e não tolerar a amputação de nenhum de seus aspectos. (1994, p. 5).

A alfabetização não compreende somente aprender a ler e escrever, mas ser capaz de interpretar¹, compreender², o que se lê e também o que se escreve, fazer-se interlocutor daquilo que o outro produziu e interagir no meio em que o indivíduo vive. Conforme Jean Foucambert, o educando alfabetizado, ao ler:

[...] utiliza a característica alfabética da língua para compreender a escrita, graças ao oral que lhe corresponde. [...] trata a escrita diretamente como uma linguagem para os olhos, como uma mensagem concebida para o olhar, não para os ouvidos.

É na mesma diferença observada entre aquele que se vira em inglês graças às suas recordações escolares em um bilingue. (1994, p. 23).

Diante disso, considera-se que a leitura amplia os conhecimentos que o leitor já possui, pois ela faz com que o leitor questione aquilo que já sabe, construindo, assim, novos conhecimentos, fazendo com que o indivíduo cresça, cada vez mais, ampliando seus olhares com as diferentes concepções acerca do mesmo assunto que a leitura lhe proporciona.

É necessário que a prática da leitura significativa seja vista como algo imprescindível ao desenvolvimento individual e social dos seres humanos. Conforme Bamberger:

1 Conforme dicionário Aurélio: 1 Ajuizar a intenção, o sentido de. 2 Explicar, explanar ou aclarar o sentido de.

2 Conforme dicionário Aurélio: 3. Alcançar com a inteligência; atinar; perceber, entender. 4 Perceber ou alcançar as intenções ou o sentido de.

[...] a leitura e os livros têm hoje um novo significado e já não basta a uma pessoa completar sua educação escolar. O progresso da ciência e da tecnologia se processa num ritmo tal que a instrução que hoje ministramos será considerada insuficiente amanhã. A tarefa do futuro é a educação permanente, ou, melhor ainda, a auto-educação permanente.

Os livros desempenham inúmeros papéis nessa auto-educação. Primeiro há a necessidade de satisfazer os interesses, necessidades e aspirações individuais através da seleção individual do material de leitura. Todo o ser humano pode ser ajudado pelos livros a se desenvolver à sua maneira, pode aumentar sua capacidade crítica e aprender a fazer escolha entre a massa da produção geral dos meios de comunicação.

Se os meios de comunicação oferecem um estímulo inicial mais forte – na direção certa –, os livros são indispensáveis no sentido de aprofundar essa noção e promover a pesquisa do assunto por conta própria. (1988, p. 12).

Cabe destacar que, no primeiro momento, os indivíduos precisam do livro para poder satisfazer seu ego e também para desenvolver e alimentar o hábito da leitura e, num segundo momento, para se manter informado do que está acontecendo no mundo.

A leitura se manifesta, nos dias atuais, de suma importância para o desenvolvimentos do indivíduo e para sua inserção na sociedade letrada, visto que ele precisa ler muito para se manter em constante crescimento e atualização, pois o mundo está em constante evolução, surgindo, a cada dia, novas descobertas e evoluções em todos os âmbitos, principalmente, no tecnológico.

Todo indivíduo, por meio da leitura, pode desenvolver seu potencial de reflexão, seu raciocínio e sua capacidade de ver o mundo de forma diferente. Também os meios de comunicação são fatores que incentivam os seres, porém o livro, a palavra escrita são indispensáveis para o desenvolvimento deste potencial.

Conforme Harris *apud* Bamberger:

Comparada ao cinema, ao rádio e à televisão a leitura tem vantagens únicas. Em vez de precisar escolher dentre uma variedade limitada, posta à sua disposição por cortesia do patrocinador comercial, ou entre os filmes disponíveis no momento, o leitor pode escolher dentre os melhores escritos do presente ou do passado. Lê onde e quando mais lhe convém, no ritmo que mais lhe agrada, podendo retardar ou apressar a leitura, interrompê-la, reler ou parar para refletir a seu bel-prazer. Lê o que, quando, onde e como bem entende. Essa flexibilidade garante o interesse contínuo pela leitura, tanto em relação à educação quanto ao entretenimento. (1988, p. 13).

Acrescenta-se que os meios de comunicação possuem grande influência sobre os indivíduos, sendo fortes meios de disseminação de informações, mas a leitura, no entanto, abre mais caminhos, possibilitando ao leitor maiores oportunidades de informação e conhecimento sobre os mais diversos assuntos.

Da mesma maneira que é possível escolher um filme da categoria que mais lhe agrada, também é possível ao aluno escolher um livro de seu gosto e, da mesma maneira que o aluno precisa ver o filme para dizer se gosta ou não, precisa ler o livro para tomar posição quanto a ele.

Em um primeiro momento é necessário permitir ao aluno que fique à vontade para eleger o livro que deseja ler, para que assim se aproprie do hábito da leitura, para que em um momento posterior, o professor possa indicar uma leitura direcionada ao que deseja sem gerar frustrações em seu aluno, de maneira que ele leia sem que isso seja um castigo ou obrigação, mas sim um momento de leitura significativa prazerosa, visto que esse já possui o hábito de ler.

2.1 ESTRATÉGIAS DE LEITURA

O hábito da leitura é desenvolvido a partir das práticas que cada leitor desenvolve. O professor precisa considerar, na orientação de estratégias de leitura, a realidade social do aluno, o nível intelectual do mesmo, suas expectativas e os níveis de compreensão e interpretação.

O objetivo maior é destacar o interesse pelo “ato de ler”. Cabe ao professor estimular o prazer da leitura como forma de possibilitar aos seus alunos contato com a palavra escrita, não de maneira obrigatória, mas criando atividades variadas e significativas, propondo ações e participando delas. Tendo em mente os gostos e necessidades dos alunos.

Frisa-se a importância que as habilidades e as estratégias de leitura têm no desenvolvimento dessa, enquanto prática. Porém, cabe ressaltar que, apesar de importantes, somente elas não bastam para o amplo desenvolvimento da leitura. É preciso considerar os demais fatores que cercam o leitor e o influenciam nesse

desenvolvimento. Conforme Kleiman:

A tentativa NÃO é incoerente, entretanto se o ensino de leitura for entendido como ensino de ESTRATÉGIAS DE LEITURA, por uma parte, e como o desenvolvimento das *habilidades linguísticas* que são características do bom leitor, por outra. Tanto estratégias como habilidades são necessárias, porém não suficientes, para realizar o ato de ler.

Quando falamos de ESTRATÉGIAS DE LEITURA, estamos falando de operações regulares para abordar o texto. Essas estratégias podem ser inferidas a partir da compreensão do texto, que por sua vez é inferida a partir do comportamento verbal e não verbal do leitor, isto é, do tipo de respostas que ele dá a perguntas sobre o texto, dos resumos que ele faz, de suas paráfrases, como também da maneira com que ele manipula o objeto: se sublinha, se apenas folheia sem se deter em parte alguma, se passa os olhos rapidamente e espera a próxima atividade começar, se relê. (2001, p. 49).

Segundo a autora, cabe, também, ao professor ampliar o leque de alternativas para trabalhar a leitura de textos que não sejam tão interessantes para os alunos, porém necessários e importantes para a sua formação. Segundo Kleiman:

[...] propõe atividades, baseadas na convergência na leitura, até que ele possa desenvolver as estratégias necessárias para uma leitura pessoal, individual, singular. Para que haja uma possibilidade de interação com o autor, é crucial que a divergência na interpretação esteja fundamentada na convergência que se fundamenta, por sua vez, não numa leitura autorizada, mas numa análise crítica dos elementos da língua que o autor utiliza. (2001, p. 61).

Observa-se que diante do texto trabalhado, o professor propõe atividades de acordo com sua concepção de mundo e de linguagem. O interesse, a necessidade e o ritmo de cada aluno somente serão respeitados e considerados quando o professor possuir a clareza e o conhecimento necessários para tanto. Sabe-se que quando o professor possui essa clareza e conhecimento, o processo de ensino e aprendizagem ocorre de maneira mais eficaz, pois considerando as necessidades dos alunos na elaboração das atividades, o professor poderá torná-las mais relevantes e significativas para o aluno. Solé discorre que:

[...] uma das características das estratégias é o fato de que não detalham nem prescrevem totalmente o curso de uma ação; o mesmo autor indica acertadamente que as estratégias são suspeitas inteligentes, embora arriscadas, sobre o caminho mais adequado que devemos seguir. Sua potencialidade reside justamente nisso, no fato de serem independentes de um âmbito particular e poderem se generalizar; em contrapartida, sua aplicação correta exigirá sua contextualização para o problema concreto. Um componente essencial das estratégias é o fato de que envolve auto-direção – a existência de um objetivo e a consciência de que este objetivo existe – e autocontrole, isto é, a supervisão e avaliação do próprio comportamento em função dos objetivos que os guiam e da possibilidade de modificá-lo em caso de necessidade. (1998, p. 69).

Cabe ressaltar que o professor ao preparar suas atividades de aula estará ao mesmo tempo preparando material necessário às turmas a serem trabalhadas. A aula preparada com estratégias poderá ser uma aula melhor, com maior aproveitamento, pois com o uso de estratégias de leitura, o aluno poderá compreender melhor o conteúdo trazido pelo professor, visto que as estratégias devem ser elaboradas considerando a realidade e as necessidades dos alunos. Orlandi afirma que:

[...] Observamos que é comum na escola a preparação de modelos de provas e a orientação da leitura em função deles. Nota-se no imaginário escolar a presença de noções com “disciplinas decorativas”, “disciplinas fáceis”, “modelo de prova”, “cola”, inscritas nas estratégias dos alunos. Achamos que é preciso considerar essas técnicas e estratégias como constitutivas do processo de produção das leituras nesse contexto. (1998, p. 31).

Diante disso, acredita-se que em nossas escolas ainda há modelos de decoreba, o que gera nos alunos o não desenvolvimento do senso crítico, pois ele não foi preparado para argumentar e defender as suas opiniões, daí a importância de se trabalhar com estratégias dinâmicas de leitura, com novas formas de aprender que indaguem nos alunos o senso crítico, fazendo com que, por meio da leitura, consigam construir argumentos teóricos embasados, para que ele, ao final de sua trajetória escolar, consiga defender seus posicionamentos nos ambientes sociais em que participa. Solé disserta que:

Para que uma criança se sinta envolvida na tarefa de leitura ou simplesmente para que se sinta motivada com relação a ela, precisa ter alguns indícios razoáveis de que sua atenção será eficaz, ou pelo menos, que ela não vai consistir em um desastre total. Não se pode pedir que o aluno para o qual a leitura se transformou em um espelho que lhe devolve uma imagem pouco favorável de si mesmo tenha vontade de ler. Só com a ajuda e confiança a leitura deixará de ser uma prática enfadonha para alguns e poderá se converter naquilo que sempre deveria ser: um desafio estimulante.

Portanto, motivar as crianças para a leitura não consiste em que o professor diga: “Fantástico! Vamos ler!”, mas que elas mesmas o digam – ou pensem. Isto se consegue planejando bem a tarefa de leitura e selecionando com critério os materiais que nela serão trabalhados, tomando decisões sobre as ajudas prévias de que alguns alunos possam necessitar, evitando situações de concorrência entre as crianças e promovendo, sempre que possível, aquelas situações que abordem contextos de uso real, que incentivem o gosto pela leitura e que deixem o leitor avançar em seu próprio ritmo para ir elaborando sua própria interpretação – situações de leitura silenciosa, por exemplo. [...]. (1998, p. 92).

Há diferença entre as crianças que desde pequenas estão inseridas no mundo letrado para com as que não estão, e que somente na escola passam a ter acesso ao mundo das letras, pois crianças incentivadas em casa a ler, possuem maior facilidade e se desenvolvem de maneira mais rápida e eficiente, apesar de esse não ser o único fator que interfere neste desenvolvimento.

O PNLL (Plano Nacional do Livro e Leitura), cujo objetivo principal é desenvolver o Brasil como sociedade leitora, enfatiza a importância da leitura nas sociedades atuais para o ingresso no mercado de trabalho, para o exercício da cidadania, mas alerta que no Brasil as pesquisas e as avaliações educacionais apontam para a precária formação de um público leitor e revelam as imensas dificuldades para o sucesso das ações envolvidas na solução do problema. Nessa direção menciona o baixo desempenho dos alunos, revelado em instrumentos de avaliação como SAEB ou o PISA, demonstrando sérios problemas no domínio da leitura e da escrita e o aprofundamento das desigualdades.

Segundo o Relatório do PISA-2000, (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes da Organização para a Cooperação e Desenvolvidos Econômicos).

O Brasil foi o último colocado na avaliação sobre o letramento em leitura obtido por jovens de 15 anos de 32 países industrializados naquele Relatório. Nessa pesquisa [...] o conceito de leitura em pauta não se resume à noção muito freqüente de mera decodificação e compreensão literal de textos escritos, mas à capacidade de o jovem compreender e utilizar textos de variada natureza para alcançar seus objetivos, desenvolvendo conhecimentos e participando ativamente da sociedade. Daí porque a expressão letramento foi escolhida para refletir a complexidade das variáveis em jogo, a amplitude de conhecimentos, habilidades e competências em causa, procurando-se verificar a operacionalização de esquemas cognitivos em termos de: conteúdos ou estruturas do conhecimento que os alunos precisam adquirir em cada domínio; processos a serem executados; contextos em que esses conhecimentos e habilidades são aplicados. (BRASIL, PNLL, p. 17).

Na sequência, propõem-se uma reflexão sobre as práticas de leitura na perspectiva do letramento, visto que a alfabetização, por si só, não possibilita a formação do sujeito leitor.

2.2 LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

Cabe frisar que Letramento e Alfabetização são termos que, muitas vezes, confundem-se em seus significados, devido a sua grande semelhança quanto ao tema que denominam. Diante disso, cabe lembrar que o termo letramento surgiu pela primeira vez no livro de Mary Kato, *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, no ano de 1986, e que muito antes de existir o termo letramento, já existia o termo alfabetização, então, esse novo termo surgiu para determinar algo mais que a simples codificação e decodificação de símbolos, surgiu para denominar as práticas sociais do uso da codificação dos símbolos.

Magda Soares define letramento como:

[...] o resultado da ação de “letrar-se”, se dermos ao verbo “letrar-se” o sentido de “tornar-se letrado”. Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. (2006, p. 38 e 39).

Constata-se que o indivíduo que aprendeu os códigos linguísticos e consegue inserir-se socialmente de maneira igual, fazendo uso da leitura e da escrita em seu ambiente social, do mundo letrado, tanto da língua escrita como da falada, é um possuidor de letramento.

A leitura escolar, já no período inicial, na alfabetização, possui estreito ligamento com o letramento. Tfouni enfatiza que:

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para a leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual.

O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Entre outros casos, procura estudar e desenvolver o que ocorre nas sociedades quando adota um sistema de escritura de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas. Desse modo, o letramento tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social. [...] (2004, p. 9 e 10).

Conforme a autora, a alfabetização consiste em um processo de âmbito individual, no qual o sujeito desenvolve as habilidades de codificação e decodificação dos códigos escritos, enquanto que o letramento constitui-se como um processo que focaliza os aspectos sócio-históricos e é de âmbito social, pois o letramento é interação, seja somente do sujeito com a palavra escrita ou de um sujeito com outro por meio da oralidade.

Ressalta-se que é no processo de alfabetização e letramento que a criança adquire e aprimora o seu conhecimento de escrita e de leitura, e deve ser levado em conta, no desenvolvimento desses processos de aquisição, o aprendizado que a criança já possui quando vem à escola. Vygotsky *apud* Tfouni, observa que:

[...] o letramento representa o coroamento de um processo histórico de transformação e diferenciação no uso de instrumentos mediadores. Representa também a causa da elaboração de formas mais sofisticadas do comportamento humano que são os processos chamados “processos mentais superiores”, tais como: raciocínio abstrato, memória ativa, resolução de problemas, etc. (2004, p. 21).

Diante disso, considera-se que o indivíduo letrado, fruto de um longo processo histórico, possui um diferencial se comparado ao não letrado, visto que consegue desenvolver, como citado, processos mentais mais complexos graças aos conhecimentos que possui da palavra escrita, quanto a sua forma e significação.

Conforme Smith, quando se trabalha com textos descontextualizados, torna-se difícil a aquisição da leitura e conseqüentemente o desenvolvimento do letramento:

A fundamentação da compreensão é a teoria do mundo que nós todos construímos e carregamos conosco permanentemente. Essa teoria é testada e modificada constantemente em nossas interações com o mundo. É a fonte das previsões que nos possibilita encontrar sentido nos acontecimentos e na linguagem. Não podemos encontrar sentido num mundo se a situação que enfrentamos não puder ser relacionada com a nossa teoria do mundo. (1999, p.80).

Conforme o autor, o conhecimento de mundo que todo o ser humano possui é modificado e testado a todo instante na vida cotidiana de cada ser, pois a interação com o outro e com o mundo, a recepção de novas informações faz com que os seres repensem o que sabem, e sejam levados a construir um novo pensar e um novo agir. Os novos conhecimentos com que se deparam todos os dias, principalmente por meio da leitura, fazem com que seja possível, a cada dia, olhar o mundo com outros olhos.

As palavras podem possuir muitos significados, dependendo do contexto em que estão inseridas. Por isso, o aluno precisa possuir a capacidade de identificar o sentido expresso na palavra nas diferentes tipologias textuais com que se depara, pois se entende que há várias maneiras de se interpretar as palavras, informações, Smith coloca que:

A situação fornece o significado e a locução fornece a evidência – isso é tudo o que uma criança precisa para construir hipóteses que possam ser testadas nas próximas oportunidades. As crianças não aprendem a língua para encontrar sentido nas palavras e frases; elas encontram sentido nas palavras e frases para aprender a língua. (1999, p.87).

As crianças necessitam compreender o que estão fazendo durante o tempo que estão aprendendo, e sua leitura precisa possuir significado.

Salienta-se, ainda, que a compreensão do objeto acontece quando se encontram as respostas para as próprias perguntas e, também, em primeiro lugar, dando sentido a elas. Portanto, a compreensão pode ser individual e/ou por meio da troca de experiências, de maneira interacional, sofrendo, sempre, influências do meio em que o aprendiz vive.

Grande parte das habilidades de leitura são adquiridas com a prática, e não com o ensino direto delas. Diante disso, é de fundamental importância que a escola priorize as práticas de leitura e escrita significativas para o aluno, sabendo desenvolvê-las de maneira particular e coletiva entre eles, ou seja, formar alunos letrados, com um diferencial, sabendo fazer uso dos processos cognitivos de leitura e escrita em sua vida. Conforme afirma Soares:

Tornar-se letrado traz, também, consequências linguísticas: alguns estudos têm mostrado que o letrado fala de forma diferente do iletrado e do analfabeto; por exemplo: pesquisas que caracterizam a língua oral de adultos antes de serem alfabetizados e a comparam com a língua oral que usavam depois de alfabetizados concluíram que, após aprender a ler e a escrever, esses adultos passaram a falar de forma diferente, evidenciando que o convívio com a língua escrita teve como consequências mudanças no uso da língua oral, nas estruturas linguísticas e no vocabulário. (2006, p.37).

Ressalta-se que o indivíduo antes de seu ingresso escolar era possuidor de um vocabulário restrito, e, na maioria das vezes, iletrado para o processo de leitura e escrita, quando o mesmo passa a frequentar a escola, e conseqüentemente tem acesso ao mundo letrado torna-se possuidor de um vocabulário mais amplo, e como consequência passa a desenvolver uma nova forma de comunicação, a escrita, aos poucos, vai sendo aperfeiçoada conforme o indivíduo aumenta o seu nível de

letramento.

Com relação a todas as experiências sociais com vários gêneros textuais, na busca do desenvolvimento do letramento, Teberosky e Tolchinsky (1999) utilizam a expressão “conhecimento letrado”. Para as autoras, os alunos precisam ser os primeiros leitores e estar em contato com os mais diversos tipos de leitura, lendo e ouvindo. Aprendendo a manipular o texto, tendo assim um estímulo para interpretá-lo. Segundo Teberosky e Tolchinsky, o aprendiz:

[...] supõe saber ler ou escutar a leitura e que a possibilidade de compor textos, supõe conhecer as normas de como colocar essa linguagem na sua forma gráfica. Denominamos também “conhecimento letrado” o primeiro e “conhecimento notacional” o segundo. Se o conhecimento letrado está influenciado pelas experiências sociais com diversos livros e leitores e o conhecimento notacional com a exposição ao impresso e à possibilidade de ensaiar no espaço gráfico, devemos estudar previamente tais experiências, tendo antes a preocupação de diferenciá-las. (2000, p.99).

Diante disso, a competência da escrita e da leitura é resultado da prática das experiências adquiridas nas diversas situações comunicativas. Para adquirir a competência do letramento, ou seja, o uso da função social da escrita e da leitura, além do contato do aluno com muitos gêneros textuais, é necessário explorar a compreensão e a produção textual.

Teberosky e Tolchinsky ressaltam que:

[...] Para que se possa falar de conhecimento letrado é necessário a experiência com textos escritos. Supomos que a possibilidade individual de ouvir e ler textos – não somente um, mas sim vários dentro da mesma classe -, e a possibilidade de manipular os textos escritos inculca *patterns* de linguagem, cria modelos para codificação da informação nos enunciados e permite o desenvolvimento do conhecimento dos Gêneros que se apresentam apenas na modalidade escrita. Tal como no âmbito de algumas forma gramaticais, a escrita contribui não somente para a sua expansão, para os gêneros. (2000, p.91).

Entende-se que o aluno precisa de conhecimentos, entre eles, o linguístico que, na maioria das vezes, é adquirido por meio da leitura, pois quando lê amplia

seus horizontes e percebe as características particulares da palavra escrita, isso o leva a desenvolver interpretações mais aprimoradas, bem como escrever, fazendo uso da norma culta padrão, fazendo assim, com que a escrita não se torne uma simples reprodução da fala, mas apresente características próprias do texto escrito. Luiz Carlos Cagliari *apud* Rojo discorre que:

Um método de alfabetização que leve em conta o processo de aprendizagem deve deixar um espaço para que o aluno exponha suas ideias a respeito do que aprende. Isto pode ser feito não de maneira dissertativa (como faz o professor, quando ensina), mas através da realização de trabalhos, onde se pode ver o que o aluno fez e descobrir o que levou a fazer o que fez, do jeito que fez. Quando o aluno toma a iniciativa e diz algo, ou escreve, ou lê, ele coloca, nessas atividades, seus conhecimentos.[...] (1998, p. 66).

A criança somente se tornará leitora se desenvolver habilidades, e para isso, cabe ao professor proporcionar a ela, por meio dos métodos de aprendizagem, desde o início da alfabetização, oportunidades para desenvolver suas habilidades, é necessário possibilitar situações, durante o processo ensino-aprendizagem, nas quais ela tenha a oportunidade de expor suas ideias. Daí a necessidade de trabalhar com métodos variados, não seguindo rigorosamente as cartilhas e os livros didáticos. Conforme Cagliari *apud* Rojo:

[...] as cartilhas dirigem demais a vida do aluno na escola, ele tem que seguir apenas um caminho, por onde passam todos; só pode pensar conforme o método manda e fazer apenas o que está previsto no programa. Para alguns alunos, esse “caminho” até que é “suave” no começo, mas depois, quando acaba a cartilha e se veem na situação de terem de lidar não apenas com elementos já dominados, como na cartilha, mas com o novo e desconhecido, então, não sabe mais progredir, aprender, e a escola, que parecia tão organizada torna-se uma enorme confusão para essas crianças. Aquilo que parecia tão organizado na cartilha tornou-se um caos fora dela e o aluno, geralmente, não tem mais a quem recorrer. (1998, p. 67).

Cabe ressaltar que o método da cartilha, por ser limitado não é o mais indicado para se trabalhar, pois não desenvolve de maneira efetiva as

potencialidades, conhecimentos, do aluno. Utilizando-se esse método não se dá ao aprendiz uma direção para que ele possa buscar a construção e desenvolvimento de seus conhecimentos, ele fica limitado a apenas um caminho pré definido e restrito.

Conforme Teberosky e Tolchinsky (2000, p. 87) é importante trabalhar a função social de cada gênero textual, escreve que: “[...] Os propósitos comunicativos são a base para determinar os gêneros, ou, dizendo de outro modo, os gêneros se identificam à base do uso e da necessidade comunicativa.” É de suma importância trabalhar com os mais diversos gêneros de textos de circulação social em sala de aula, para que o aluno possa identificar que cada texto tem uma função social e também características diferenciadas e que as maneiras de se comunicar determinam os gêneros, e esses dão formas aos textos. Segundo Teberosky e Tolchinsky (2000), o conhecimento letrado permite a habilidade de manusear e também de compreender a função social de cada texto.

Diante disso, considera-se que cada texto possui uma função social, e que em cada nível de escolaridade deve ser trabalhado cada gênero com uma abordagem específica, respeitando o nível, o desenvolvimento cognitivo de cada aluno em particular, de maneira que compreendam o texto, bem como sua função social e, assim, o texto possa exercer sua real função junto ao desenvolvimento dos leitores, ou seja, contribuir para o enriquecimento intelectual e psíquico de cada indivíduo.

Soares afirma que:

Uma última inferência que se pode tirar do conceito de **letramento** é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser **analfabeto**, mas ser, de certa forma, **letrado** (atribuindo a este objetivo sentido vinculado a *letramento*). Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em *ouvir* a leitura de jornais feitas por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se *dita* cartas para que um alfabetizado as escreva (e é *significativo* que, em geral, dita usando vocabulário estruturas próprias da língua escrita), Se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, **letrado**, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita. Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou mas já folheia livros finge em lê-los, brinca de escrever, mas já penetrou no mundo do **letramento**, já é, de certa forma, **letrada**. [...] (2006, p.24).

Verifica-se que o letramento vai além da mera aquisição de códigos escritos por parte do aluno. O indivíduo que é analfabeto, mas possui o interesse de estar em contato com outras pessoas que sabem ler e escrever, de uma certa forma, torna-se um indivíduo letrado em alguns aspectos por ter contato com a palavra escrita.

Da mesma forma que quem não sabe ler e escrever, é considerado analfabeto, mas pode, ao mesmo tempo, possuir o conhecimento do mundo letrado por meio de indicadores escritos. A criança que ainda não se apropriou do código escrito, mas que gosta de ouvir seus pais lerem, ou mesmo vê-los manuseando materiais que contenham a palavra escrita pode ser considerada letrada, mesmo que letrada em um nível inicial, não alfabetizada. Quando essa criança chega à escola, já possui uma bagagem prévia do mundo escrito, o que, é um primeiro passo rumo à alfabetização e ao desenvolvimento do letramento, proporcionando-lhe uma maior facilidade no desenvolvimento de suas habilidades, isso graças a influência social proporcionada pela família. De acordo com Kleiman:

É comum afirmar-se que a criança não gosta de ler e não compreende o que lê. Culpamos os interesses e hábitos diferentes das crianças, mas poucas vezes questionamos o papel do modelo de aprendizagem ao qual aderimos enquanto contribuímos a essas influências. Treinamos a criança, desde os primeiros momentos da alfabetização, na associação mecânica dos sons com letras, sílabas, palavras e frases simples, aguardando o momento em que ela dará um passo na compreensão de unidades maiores do que a sentença. Considerando esse passo, portanto, como um aumento quantitativo da capacidade de leitura da criança, ignorando as diferenças qualitativas que existem entre a decodificação e a compreensão. Dados experimentais mostram, inequivocamente, que o desempenho do leitor inexperiente numa tarefa de leitura não está caracterizado pela incapacidade de decodificação: na situação experimental, as crianças evidenciam domínio dos procedimentos mecânicos para extrair a informação gráfica (i.e., ritmo e duração das sacadas, diversas formas de pareamento som e grafia); evidenciam também, pelos dez anos de idade, ou quatro anos depois do início da alfabetização, domínio na utilização da estrutura gramatical do texto na decodificação [...] (2008, p.55).

Conforme a autora, no que se refere ao não gosto pela prática da leitura, ouve-se, muitas vezes, que não gostam de ler, não possuem o hábito da leitura, e por isso os culpam, sem fazer uma análise mais aprofundada do que pode ter

acarretado esse repúdio ou simples não gosto pela leitura. Diante disso, torna-se importante na prática da docência o olhar individualizado para cada aluno para que se consiga despertar neles o interesse e posterior hábito pela prática da leitura.

Ainda, conforme Kleimam (2008), o não incentivo na aprendizagem acaba levando o aluno à incompreensão do que lê, gerando assim falhas na decodificação e também na compreensão dos textos. Nota-se que, muitas vezes, a criança não possui domínio da leitura, apesar de possuir habilidades necessárias para desenvolvê-la, porque não teve o devido incentivo, tanto do ambiente familiar como do escolar, para a realização e prática desse processo cognitivo.

Existem, ainda, aquelas pessoas que sabem ler, porém não leem. Gilberto Gil as define em seu texto no PNLL:

[...] É aquele que o poeta Mario Quintana definiu como “o pior analfabeto”: o que sabe ler, mas não lê. Eu acrescentaria a essa frase que um dos motivos para que ele não leia é a falta de estímulos, tanto do ponto de vista de preços, quanto de número de boas bibliotecas à sua disposição, de articulação dessas com as novas mídias, de estímulo na família, no trabalho e no lugar que o livro ocupa no imaginário nacional. ([s.d.], p. 5-6).

As dificuldades de interpretação e produção apresentadas pelos alunos quanto ao letramento, também estão presentes quando se fala em letramento de adultos. Frisa-se que muitos são os adultos que, mesmo alfabetizados, não são letrados, pois não fazem uso das práticas de leitura e de escrita em sua vida cotidiana, como também não conseguem interpretar os textos com que se deparam no decorrer da vida.

3 A LEITURA NO BRASIL

Neste capítulo apresenta-se uma discussão sobre a leitura no Brasil, tem-se como base a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, publicada em 2008, pois apesar dos avanços na educação brasileira, não se reconhece a questão do livro e da leitura como realmente importantes e estratégicas para o presente e, sobretudo, para o futuro.

Diante da realidade brasileira, com a má distribuição de renda existente, que é uma das principais causas geradoras do abismo que se trava entre as classes sociais, há muitas pessoas que não possuem acesso a informações e conhecimento. Como coloca Silva (1997, p.39) em seu livro: *Leitura e Realidade Brasileira*: “Numa sociedade onde estão presentes a injustiça, a desigualdade, a miséria, a fome e a falta de liberdade e democracia [...], torna-se muito fácil encontrar pessoas que não têm acesso à informação, aos diversos referenciais inscritos em diferentes tipos de livros.” Diante disso, cabe dizer que atualmente há de um lado a classe A, dominante, com livre acesso ao conhecimento da cultura-letrada, do outro se encontram as classes marginalizadas da sociedade, indivíduos despreparados e fáceis de serem manipulados.

O livro é hoje um produto de mercado, um mercado que, muitas vezes, não visa à disseminação do conhecimento, mas o lucro, portanto, frisa-se que nem todos os livros possibilitam acesso a conhecimentos necessários ao desenvolvimento de indivíduos pensantes. Ezequiel Theodoro da Silva, em: *Leitura e Realidade brasileira*, comenta que:

É importante lembrar que o universo das meias verdades aparece expresso e circula em sociedade através de uma imensidão de livros ruins. Estudos recentes daquilo que vem sendo produzido para crianças, jovens e adultos neste país mostra claramente a natureza perniciosa de boa parte das obras – uma verdadeira conspiração comercial contra os leitores, podendo ser caracterizada como veneno intelectual ou, mais especificamente charlatanice em da função inutilidade ou redundância[...].

Frente à desordem gerada pelos atuais paradigmas de organização social e sistemas produtivos, sou levado a crer que uma das principais funções da leitura no Brasil é a de garantir ao cidadão a *capacidade de pensar por conta própria*. E como a situação social é realmente muito delicada, acredito que a imaginação deva ser elevada ao seu grau máximo, de modo que o mundo *organizado* dos bons escritores possa deixar-se recriar coerente e *organizadamente* na consciência dos leitores. (1997, p.13 e 14).

Conforme manifesta o autor, muitas das obras que circulam na sociedade não são de boa qualidade, elas visam apenas fins comerciais, denomina-as como venenos intelectuais, afirma acreditar que como uma das funções da leitura é capacitar os cidadãos para pensar por conta própria, grandes obras podem levar o leitor ao grau máximo de sua imaginação mesmo com a atual realidade social brasileira.

Na atual sociedade, há um grande acervo de livros, entre os quais alguns não possuem grande relevância, devido a sua baixa qualidade. Conforme Orlandi:

Ao relacionar a questão da leitura com o espaço econômico, podemos refletir sobre alguns pontos de contato entre esses domínios. Não somente o livro, mas também a leitura pode ser considerada como algo que se pode vender, trocar, emprestar, guardar, acumular. Deste modo, ela tem o seu lugar por um lado no comércio: as editoras e as lojas de livros permitem uma espécie de acumulação da leitura em vista de um mercado, visando à produção e a venda, enquanto as bibliotecas acumulam visando à manutenção, a valorização e o empréstimo. Isso mostra que a leitura é passível de uma administração conforme os interesses em jogo.[...] Também na divisão entre escola pública e escola particular os fatores econômicos aparecem de maneira incisiva para determinar as diferentes práticas de leitura: possibilidade de aquisição de livros, formação de bibliotecas, gastos com pessoal, etc. E ainda, vendo a leitura como um trabalho, percebe-se em diversos domínios a construção e a sustentação de interpretações com finalidades específicas: na escola, na administração pública, na propaganda, na universidade, nas instituições religiosas. Há um trabalho social da leitura, que em sua divisão configura diferentes perfis de leitores. (1998, p.35 e 36).

A cada dia, torna-se mais frequente a procura de livros, pois o livro é visto de

muitas formas, alguns o buscam como passa-tempo, outros como maneira de adquirir os conhecimentos e informações que necessitam. É preciso identificar o meio pelo qual o aluno chegará ao gosto pela leitura, incentivá-lo com a intenção de fazê-lo adquirir o hábito de ler. Ressalta-se que o livro é um dos mecanismos mais importantes no desenvolvimento de sujeitos pensantes, e assim críticos. Silva manifesta, ainda, que:

Temos de considerar ainda que estamos vivendo numa sociedade letrada. Isto quer dizer que os veículos escritos são necessários a própria sobrevivência e atualização dos homens neste tipo de sociedade. E se as etapas evolutivas da civilização garantem à sociedade condição ou categoria de “letrada”, isto quer dizer a formação de leitores se coloca como uma responsabilidade do estado. Assim, “ler” é um direito de todos os cidadãos; direito este que decorre das próprias formas pelas quais os homens se comunicam nas sociedades letradas. A presença de analfabetos (iletrados) no Brasil não nasce por acaso ou porque os indivíduos optaram por não ler; o problema é que as autoridades não estão interessadas em desenvolver o gosto pela leitura junto a todos os segmentos da população. (1995, p.50).

Verifica-se que, cada vez mais, torna-se importante aos seres humanos estarem informados, o que requer dedicação para ir em busca de novas informações e de novos conhecimentos para não serem “atropelados” pelos avanços do mundo globalizado. Destaca-se que a leitura é uma das fontes de inclusão dos cidadãos, pois, por meio do conhecimento, poderá levar o sujeito a uma visão de mundo mais ampla.

Silva segue expondo uma crítica às autoridades que não proporcionam a todos o direito de aprender a ler e escrever, o direito de serem letrados para bem se inserirem em uma sociedade letrada. Destaca que ninguém é iletrado por opção, mas sim por falta de oportunidade. Essa falta de oportunidade gera, na sociedade, uma massa populacional com baixo nível de conhecimento, o que, para alguns, pode ser útil, pois isso facilita a manipulação da população nacional.

Conforme Silva, por meio da leitura, o indivíduo passa a ser possuidor de elementos de combate contra a ignorância e a alienação, pois sendo portador da prática de leitura e executando-a socialmente, em diversos locais, é possível ao leitor desmascarar os ocultamentos feitos pela classe dominante, bem como emitir

opiniões e defendê-las. Salieta Silva:

[...] que a presença da ignorância em nosso meio cumpre a objetivos de dominação de uma classe social sobre as outras.
[...] É preciso ler e fazer – ler a realidade e fazer o acontecimento, mudar as circunstâncias: plantar ações que deixam resíduos na história e na vida das pessoas.[...] (1997, p.24).

Ainda, que por meio da leitura, os indivíduos deixam de ser iletrados, pois passam a possuir um conhecimento maior da palavra escrita, bem como dos conhecimentos que são adquiridos por meio dela. Atualmente, a sociedade precisa de indivíduos que efetuem práticas letradas, tendo em vista a presença das tecnologias em todos os lugares do mundo, as quais se utilizam em sua, quase totalidade, da palavra escrita para a comunicação e interação. Portanto, os indivíduos precisam ser efetivamente letrados, para que consigam se inserir de maneira igual na atual sociedade capitalista, conquistando também a integração com seus semelhantes. Conforme Silva:

[...] a leitura, enquanto ação, não se resolve apenas no ato individual, se não que reflete uma opção política do estado e de seus cidadãos. Porque, se a leitura é um processo individual inaugurado a partir da alfabetização, o acesso a esta última depende da organização da sociedade e do Estado a mantê-la e a reproduzi-la. E ambos – sociedade e Estado – podem estar mais ou menos interessados na disseminação do conhecimento à disposição já que a posse deste gera uma maior mobilidade dos grupos humanos, assim como um aumento qualitativo da capacidade crítica dos indivíduos – e, portanto, de seu potencial reivindicatório. (1997 p.30).

Entende-se que diante da realidade educacional e social exposta, caberia à escola levar o aluno a adquirir um grau de letramento³ cada vez mais elevado, isto é, desenvolver nele um conjunto de habilidades e comportamentos de leitura que lhe permitam fazer uma maior e mais eficiente utilização possível das capacidades de leitura, porém não se percebe grande interesse dos órgãos envolvidos em criar

3 Conforme Tfouni (2004, p. 20): [...] o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade.

políticas educacionais que favoreçam o desenvolvimento dessas habilidades, o que reflete diretamente no resultado final.

A respeito das habilidades de leitura é preciso que os alunos as desenvolvam, conforme Silva:

Falar em condições para o desenvolvimento da leitura é, ao mesmo tempo, colocar o problema das condições reais para o desenvolvimento do próprio homem dentro de uma sociedade concreta. Isto porque o ato de ler, via de acesso para a apropriação dos bens culturais registrados pela escrita, é um atributo única e exclusivamente humano. Esta vinculação é importante à medida que revela o poder peculiar do homem em “ler” os dados da realidade, analisá-los, transformá-los e registrá-los em seu próprio benefício cultural e histórico. É claro que o exercício do pensamento (*gnosis*) e da ação (*praxis*) sobre a natureza somente é possível porque o homem possui *linguagem* (oral e escrita): o elemento essencial a produção, transmissão e recepção de conhecimentos, bem como para a sua incessante exploração do mundo. (1997, p. 46).

Vê-se, diante disso, que para que todo e qualquer ser possa desenvolver a prática da leitura, precisa possuir condições para tal, porém, como se vive em uma sociedade desigual, nem todos os seres possuem as mesmas condições psíquicas, econômicas, sociais e cognitivas para tornar possível o desenvolvimento da prática da leitura. O que acarreta em seres que dominam tal prática e seres que não a dominam, vivendo em uma mesma sociedade.

Por isso, os indivíduos que a desenvolvem corretamente e a praticam tem-na como um passo no processo evolutivo da espécie humana. Salienta Silva:

A leitura deve ser vista como uma das conquistas da espécie humana em seu processo evolutivo de humanização [...]. Isso significa que toda a sociedade nas suas diferentes etapas evolutivas, produz uma memória cultural e que a leitura vem a ser um dos instrumentos para o conhecimento e transformação dessa memória, isto é, das idéias, instrumentos e técnicas produzidos e conservados pelo homem. Por isso mesmo, o processo de leitura apresenta-se como uma atividade que possibilita a participação do homem na vida em sociedade em termos de compreensão do presente e do passado em termos de possibilidades de transformação cultural futura. E, por ser um instrumento de aquisição e transformação do conhecimento, a leitura se levada a efeito crítica e reflexivamente, levanta-se como um trabalho de combate à alienação (não-racionalidade), capaz de facilitar ao gênero humano a realização de sua plenitude (liberdade). (1997, p. 46).

Diante disso, o ato de ler, via de acesso para a apropriação dos bens culturais registrados pela escrita, é um atributo único e exclusivamente humano. Portanto, a leitura precisa ser vista como uma das conquistas do indivíduo em seu processo evolutivo.

Com base em Silva (1997, p.54): "[...] a leitura é vista como um instrumento que serve ao desenvolvimento da plenitude do homem e não como uma arma de dominação e adaptação quando a leitura for tomada como um instrumento civilizatório à participação do homem na sociedade." Com isso, evidencia-se que a leitura pode ser uma arma de dominação, porém não deve ser encarrada dessa maneira, mas sim como um meio pelo qual o indivíduo possa vir a se completar de forma individual e também coletiva.

Convém ressaltar as palavras de Frank Smith, que são de fundamental importância, pois retratam o âmbito familiar, elemento vital na formação da criança, pois, estimulada pela ação dos pais, que aprende por meio do exemplo e em função de suas necessidades, conforme Smith *apud* Silva:

[...] as crianças não aprendem através da instrução, elas aprendem atribuindo significado a situações essencialmente significativas. [...] As crianças aprendem desde o momento em que vêm ao mundo. Uma criança aprende ouvindo conversas de sua mãe, dentro e fora de casa. Ela aprende quando seu pai dá-lhe uma chance para trabalhar com pregos e martelo. Ela aprende quando acha necessário verificar o preço de um equipamento esportivo num catálogo. *Ela sempre aprende com objetivo de atribuir significado a alguma coisa, e especialmente quando existe um exemplo, um modelo a ser seguido.* Mesmo quando uma criança aprende a assaltar lojas, fumar maconha ou roubar mendigos, ela assim o faz pelo exemplo e porque isso tem sentido em seu ambiente. (1997, p. 87 e 88).

Como se pode notar, as crianças aprendem por meio de materiais que lhes apresentam sentido quando, ao mesmo tempo, são estimuladas para que aconteça a efetiva aprendizagem. A criança também aprende por meio do exemplo dos adultos. E ela terá sempre uma resposta em sala de aula se essa for trabalhada de forma significativa, por isso é levada a incorporar o conteúdo estudado com maior facilidade. Uma vez incorporado o conteúdo trabalhado, por meio das atividades de leitura significativa, adquire habilidades para desbravar novos horizontes, pois sua

mente poderá ir além do que iria anteriormente à atividade, visto que a leitura amplia e liberta a mente de quem a pratica, conforme Ivan Ângelo, *apud* Silva:

Ler é um ato libertador. Quanto maior a vontade consciente de liberdade maior índice de leitura. Um dos efeitos da leitura é o aprimoramento da linguagem, da expressão, nos níveis individual e coletivo. Uma sociedade que se sabe expressar, sabe dizer o que quer, é menos manobrável. Não fala apenas da liberdade de escolher governos ou sistemas de trabalho, mas também a de influir concretamente na vida comum [...] Mas essa liberdade, traduzida em responsabilidade não interessa, nunca interessou aos governos; aqui sempre se achou melhor decidir pelo povo, escolher para ele os caminhos e os precipícios. (1997, p. 94).

Acredita-se que a leitura literária pode contribuir para a emancipação do sujeito, libertando-o do processo de massificação a que se vê submetido pela informação dirigida que encobre as contradições e não faz apelo crítico.

Atualmente, há grande demanda por materiais interessantes por parte dos consumidores que sustentam o mercado de livros no país. Esses consumidores, dos mais diversos tipos de materiais de leitura, buscam se aperfeiçoar na busca de melhorarem o meio em que vivem.

No Brasil, há um projeto denominado PNLL (Plano Nacional do Livro e Leitura), o qual tem por objetivo:

[...] assegurar e democratizar o acesso a leitura e ao livro a toda a sociedade, com base na compreensão de que a leitura e a escrita são instrumentos indispensáveis na época contemporânea para que o ser humano possa desenvolver plenamente suas capacidades, seja no nível individual, seja no âmbito coletivo. (p. 25)⁴.

Diante disso, percebe-se que há, por parte do governo, iniciativas para possibilitar o acesso, para toda população, dos livros. Iniciativa que surgiu, como citado, a partir da compreensão da importância da palavra escrita para os cidadãos. Considera-se que iniciativas como essa são de suma importância para o desenvolvimento social, visto que o Brasil é um país de terceiro mundo e possui uma

4 Trata-se de um documento eletrônico, o qual não possui ano.

significativa parcela de sua população analfabeta, sejam analfabetos absolutos, funcionais ou, ainda, aquele analfabeto que sabe ler e escrever porém não o faz. Conforme Gilberto Gil, em seu texto no PNLL:

O certo é que há vários tipos de analfabetos. O mais conhecido é o analfabeto absoluto, o que não aprendeu a ler. Um segundo tipo é chamado pelos conhecedores do assunto de analfabeto funcional – aquele que só com muita dificuldade faz partes pequenas do texto funcionar. Mas há um terceiro analfabeto que de ser- e está sendo – objeto das políticas culturais.

Conforme escreve Gil, são três os tipos de analfabetos existentes na sociedade brasileira. Ele coloca alguns dos motivos que considera geradores desta realidade. Sendo assim, entende-se que na sociedade brasileira existe um grande número de indivíduos que, ainda, não possui acesso ao livro, e que, também, há uma parcela que, apesar de possuir acesso ao livro não o utiliza, ou seja, sabe ler, mas não lê.

Muitas pessoas ainda não têm acesso ao livro, seja por falta de incentivo de uma política mais abrangente da sociedade brasileira, seja por falta de incentivo familiar ou, até mesmo, da escola. Para mudar essa realidade de um país de não leitores para um país de leitores, faz-se necessário que o preço do livro seja acessível a todos os indivíduos da sociedade, para que todos possam adquirir livros e usufruir dos mesmos, pois só assim será possível uma sociedade leitora.

Porém, frisa-se que somente o livro ser barato não basta, é necessária a criação de políticas de conscientização social, iniciada na escola por meio de novas propostas pedagógicas de trabalho que valorizem o livro, e construam nos cidadãos a consciência e importância que o livro tem para cada sujeito em particular e para a sociedade como um todo.

Além disso, é preciso encontrar meios para que o livro possa chegar até os lares brasileiros, pois, como fala Gil, um dos motivos geradores dessa sociedade não leitora é a falta de incentivo das famílias para que os cidadãos leiam, logo, se for possível constituir famílias com pais leitores há probabilidade de, desde pequenos, as pessoas irem tendo contato com o mundo letrado e, por consequência, interesse em participar dele, aumenta.

Conforme consta no documento *Política Nacional do Livro, Leitura e Bibliotecas: Diretrizes Básicas*, elaborado pelo ministério da cultura brasileiro:

Uma aspiração antiga de educadores, intelectuais e movimentos pela cidadania, uma Política Nacional do Livro, Leitura e Bibliotecas começa a ser esboçada em um momento especial e dentro do contexto ímpar em que vive o Brasil desde o início do Terceiro Milênio.(2004 [s.p.]⁵).

Vê-se que educadores, intelectuais e movimentos pela cidadania, há anos já aspiravam a uma política nacional para o livro, leitura e biblioteca, porém, só agora é que essa política começa a ser traçada pelo governo federal.

Espera-se que tal política abranja a todas as classes sociais, em especial, as classes mais marginalizadas. A política nacional do livro, leitura e biblioteca representa uma oportunidade de crescimento para o país, posto que um país melhora quando a educação de sua nação melhora, e a educação melhora quando o cidadão tem acesso aos meios de informação e comunicação, por meio dos quais ele pode construir suas visões de mundo, seus conhecimentos. Todos os cidadãos com acesso ao livro representam, também, uma possibilidade de diminuição das desigualdades sociais que afetam o Brasil. Conforme Jorge Werthein escreve em *Retratos da leitura do Brasil*, capítulo 2: *Leitura e Cidadania*.

O País democrático, que abre espaço para que os contrários convivam em paz dentro do mesmo espaço político, precisa oferecer mais e mais oportunidades a todos para aprender, conhecer, ler e, por intermédio desse caminho, se transformar em cidadãos de fato e de direito. (2008, p. 43).

Com base nisso, considera-se que para o Brasil crescer ele precisa fazer com que seus cidadãos se tornem mais iguais, para tanto se faz necessário mais políticas como a do livro, leitura e biblioteca, para que todos os sujeitos tenham acesso às fontes de inclusão, entre as principais, a educação.

Porém, como já dito, não basta o acesso á educação e à palavra escrita, é,

5 Por se tratar de um Documento não possui página.

também, necessário que cada um tenha consciência da importância disso para suas vidas e, a partir dessa consciência passe a utilizar o livro e a, realmente, fazer educação, pois a educação, com todos os seus elementos, em especial o livro, possibilita aos sujeitos ver o mundo com outros olhos, enxergar os fatos por não apenas um ângulo.

Parafraseando Silva (1997), para uma sociedade ser efetivamente democrática é necessário manter expressa a igualdade de condições entre os seres que vivem nela, tanto em condições econômicas como em condições sociais, também, conforme o autor, é preciso garantir a cada cidadão seu direito à efetiva liberdade, que cada um possa escolher o que acredita ser melhor, e ter meios para tornar aquilo que almeja, real.

Acredita-se que para esse cidadão conseguir liberdade, necessita, antes de mais nada, informação e conhecimento sobre seu município, estado, país e mundo. Então, é necessário para a emancipação do sujeito que ele tenha condições de não se deixar manipular, ou seja que ele cultive a prática da leitura para se manter informado dos acontecimentos, se possível, de âmbito mundial.

Vincula-se a leitura à emancipação do sujeito por se acreditar que por meio dela é possível tornar os seres menos diferentes, o acesso à leitura (orientado por profissionais capacitados nas escolas e nas bibliotecas) e, conseqüentemente, a informação e ao, posterior, conhecimento, pode fazer com que os cidadãos pertencentes às classes mais marginalizadas tenham condições de conversar de igual para igual com os demais sujeitos da mesma sociedade, pois quando todos participam juntos e de maneira igual a sociedade, país, consegue se desenvolver melhor.

Conforme Georges Snyders (1996, p. 90): “A vocação da escola é ser uma ponte entre as pessoas e a participação na cultura: local de apropriação cultural, superação rumo à alegria cultural por meio da vivência de certas condições de comunicação, de adaptação e de apoio de pessoa a pessoa”. Diante disso, percebe-se que a escola possui um papel inclusivo na vida dos cidadãos. Pois é nela que o sujeito vai adquirir seus conhecimentos para que depois que sair dela consiga se defender como cidadão crítico e criativo, mas para que isso ocorra é necessário que o profissional da educação tenha condições para desenvolver, por meio de

atividades variadas, com os mais diversos tipos de textos e linguagens, o potencial intelectual e criativo desse sujeito.

4 LEITURA: REPENSANDO PRÁTICAS E MATERIAIS

Neste capítulo são apresentadas algumas reflexões sobre as práticas de leitura e os materiais utilizados para tal.

Como se tratado nos capítulos anteriores, atualmente a leitura é fundamental para a efetiva participação social do indivíduo, tendo em vista, que se vive em uma sociedade letrada que a todo momento faz com que o ser se depare com a palavra escrita, não somente na escola, mas em todos os ambientes que frequenta. Conforme Solé:

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isso é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nos que não conseguiram realizar essa aprendizagem. (1998, p. 32).

Destaca-se que, por se viver em uma sociedade letrada, muitas vezes, o indivíduo chega à escola já sabendo codificar e decodificar a palavra escrita de maneira coloquial, porém é função da escola ensinar-lhe a linguagem padrão, partindo da bagagem linguística que o ser traz consigo. Na proposta curricular de Santa Catarina tem-se:

[.] é necessário redimensionar os chamados programas em termos de conjunto de práticas, que já estão delineadas no documento-base (proposta curricular) da SED: **fala e escuta, leitura e escritura**, estas práticas devendo ser percorridas por uma dimensão que tem sido chamada **prática de análise linguística**. (grifos do autor, 1998, p. 67 e 68).

Diante disso, vê-se que a escola, por meio do professor de língua materna, possui um grande desafio: fazer com que os indivíduos que chegam à escola desenvolvam a fala, a escuta, a leitura e a escrita padrão. Versa Solé sobre a questão da leitura e da escrita na escola:

A leitura e a escrita aparecem como objetivos prioritários da Educação Fundamental. Espera-se que, no final dessa etapa, os alunos possam ler textos adequados para sua idade de forma autônoma e utilizar os recursos ao seu alcance para referir as dificuldades dessa área – estabelecer inferências, conjeturas; reler o texto; perguntar ao professor ou a outra pessoa mais capacitada, fundamentalmente; também se espera que tenham preferências na leitura e que possam exprimir opiniões próprias sobre o que leram. Um objetivo importante nesse período de escolaridade é que as crianças aprendam progressivamente a utilizar a leitura com fins de informação e aprendizagem. (1998, p. 34).

Segundo a autora, a leitura e a escrita são uma das atividades prioritárias do ensino fundamental, expõe que se almeja, ao final dessa etapa, que o aluno possua um considerável desenvolvimento da linguagem, tanto da oral como da escrita. É no ensino fundamental que o aluno adquire habilidades de aprendizagem que o auxiliarão nas séries seguintes e farão com que tenha preferências por determinados gêneros como também consigam defender suas opiniões de maneira concisa, utilizando argumentos científicos/técnicos adquiridos por meio do hábito da leitura.

Para o desenvolvimento dos objetivos prioritários, leitura e escrita, a que Solé se refere, é necessário que o professor, mesmo diante das dificuldades com que se defronta no cotidiano escolar, desafie-se, para de maneira interacionista como prevê a proposta curricular, fazer com que o aluno se aproprie da linguagem padrão, adquirindo, também, o hábito da leitura. Bamberger, em seu livro: *Como Incentivar o Hábito da Leitura*, defende que:

O ensino da leitura deveria corresponder à percepção que conseguimos da natureza da leitura. Processo complexo, a leitura compreende várias fases do desenvolvimento. Antes de mais nada, é um processo perceptivo durante o qual se reconhecem símbolos. Em seguida, ocorre a transferência para conceitos intelectuais. Essa tarefa mental se amplia num processo reflexivo à proporção que as ideias se ligam em unidades de pensamento cada vez maiores. O processo mental, no entanto, não consiste apenas na compreensão das ideias percebidas, mas também na sua interpretação e avaliação. Para todas as finalidades práticas, tais processos não podem separar-se um do outro; fundem-se no ato da leitura. (1998, p. 23).

Assim, leitura não é simplesmente codificação e decodificação de símbolos,

pois há todo um processo cognitivo que a permeia, a leitura, antes de mais nada, precisa se tornar significativa para o sujeito que lê, para que ele desenvolva o hábito da leitura, tornando-se um sujeito leitor. E a leitura é tão completa que o irreal se faz tornar real. O aluno, muitas vezes, encontra na leitura os seus heróis, os seus ideais, os seus modelos. Assimila-os, identifica-se com eles, passa a vivê-los, ao menos em sonhos, assim, a leitura torna-se um eterno criar e recriar, enfim, ler pode ser considerado um renascer.

Solé posiciona-se afirmando:

Considero que o problema do ensino da leitura na escola não se situa ao nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura, da forma em que é avaliada pelas equipas de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la. Estas propostas não representam o único nem o primeiro aspecto; considerá-las de forma exclusiva equivaleria, na minha opinião, a começar a construção de uma casa pelo telhado.

Gostaria de acrescentar também que, quando a discussão centra-se nos métodos, ou nas idades em que deve ser iniciada a construção formal, opera-se simultaneamente uma assimilação e restrição: assimila-se a aquisição e o ensino da leitura à aquisição e ensino do código e se restringe aquilo que a leitura envolve e que supera as habilidades de decodificação. [...] (1998, p. 33)

Diante da afirmação da autora de que o problema da leitura está situado na conceitualização de leitura, na forma que é avaliada pelos professores, bem como a maneira como é abordada no projeto pedagógico e nos meios que são utilizados para seu favorecimento, e não propriamente no método conforme a pesquisadora, isso está gerando uma restrição no desenvolvimento dos processos de leitura e escrita, mediante o fato de estarem sendo trabalhados, muitas vezes, meramente como codificação e decodificação dos códigos escritos, e não de forma significativa, que abranja a totalidade de riquezas que esses processos podem proporcionar ao aluno.

Sendo assim, entende-se que os professores precisam estar em constante aperfeiçoamento, buscando entender o processo cognitivo da leitura, não atrelando-o somente à codificação, mas também priorizando a leitura significativa, preocupando-se com o método, principalmente com o quê será trabalhado por meio

do método. Segundo Bamberger:

Durante cerca de cinquenta anos o lema do trabalho de biblioteca foi: “O livro certo, no momento certo, para pessoa certa.” O mais importante era encontrar livros que satisfizessem os interesses de vários grupos diferentes de pessoas. Análises do número de leitores e pesquisas sobre comportamento relacionado à leitura provaram, todavia, que a simples seleção dos livros não justifica o fato de as pessoas lerem pouco ou não lerem nada. Estudos austríacos, especialmente sobre jovens leitores, analisando mais de 40 mil testes de leitura em combinação com anotações sobre livros lidos, demonstraram claramente que muitas crianças não leem livros porque não sabem ler direito. (1998, p. 22).

Entende-se que, nos dias atuais, o professor não deve impor a obra ao aluno, ele precisa dar ao aluno autonomia para escolher o que deseja ler, mostrando-lhe o caminho na escolha dos livros, propiciando-lhe acesso aos vários gêneros textuais, pois assim a leitura se torna o centro do trabalho no processo de construção da escrita e da leitura, pois a palavra passa a ter sentido para o aluno, fazendo-o perceber que, dependendo do contexto, a palavra apresenta diferentes significados, o que gera uma ampliação da compreensão textual do aluno. Ezequiel Theodoro da Silva, em seu livro *Elementos de pedagogia da leitura*, discorre que:

Com a sala devidamente preparada para o conforto e relaxamento nas atividades de leitura, é necessário providenciar uma variedade de materiais de leitura, renovando-os constantemente. Ninguém pode gostar de algo que não teve a chance de experimentar e partilhar... (2002, p. 101 e 102).

Para que o aluno adquira o gosto pela leitura em sala de aula, precisa-se que o professor use estratégias que sejam significativas para ele, isto é, estratégias que se aproximem do nível intelectual de cada aluno, de maneira a sanar as dúvidas apresentadas por cada um. Com o cuidado para que tais estratégias sejam constantemente renovadas e aperfeiçoadas, acompanhando assim o desenvolvimentos dos alunos. Paulo Freire disserta em seu livro: *A Importância do Ato de Ler*:

[...] a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não uma manipulação mecânica de palavras mas uma relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político. (2005, p. 08).

Entende-se que a compreensão dos textos se efetiva quando esses são devidamente estudados, passando a ter significação, levando os alunos a expressarem, por meio da linguagem, seus anseios, sonhos, conflitos, angústias, experiências de vida, ampliando seu nível de conhecimento. Assim sendo, o ato de ler não se restringe à leitura de palavras e a sua decodificação, tal atitude possibilita a abertura de novos caminhos para a leitura da realidade, evitando, dessa maneira, a manipulação do pensamento e alienação dos mesmos.

A linguagem dos textos deve ser desafiadora, sem ser incompreensível significativamente, propondo aos alunos uma reflexão crítica sobre o momento presente, a realidade, para que esses, enquanto sujeitos históricos do conhecimento, quando em contato com a realidade passam a participar efetivamente, contribuindo para a transformação das questões sociais, pois a mudança da sociedade, passa, necessariamente, pela mudança dos indivíduos que a compõe. De acordo com Bamberger:

Um exame das variações dos hábitos de leitura de uma nação para outra demonstra que o lugar ocupado pelos livros na escala de valores dos responsáveis pela sua promoção é de primeira importância: todas as autoridades do estado, da comunidade e da escola, todos os professores, pais e pedagogos precisam estar seriamente convencidos da importância da leitura e dos livros para a vida individual, social e cultural, se quiserem contribuir para melhorar a situação. Essa mesma convicção deve ser então transmitida aos que estão aprendendo a ler de modo apropriado à fase do seu desenvolvimento.

Nos tempos antigos, antes da invenção da imprensa, reservava-se a pouquíssimos o privilégio da leitura, e, mesmo depois do Século do Humanismo, ela só era acessível a uma elite culta. (1988, p. 09).

A partir dos pontos levantados pelo autor, observa-se que é necessário dar mais importância para a compra de bons livros e incentivar mais as pessoas a lerem.

Antigamente, eram poucas as pessoas que possuíam acesso aos livros, somente os com maior poder aquisitivo. Atualmente, vive-se em um mundo globalizado onde os livros circulam livremente, e grande parte dos que desejam poderão ter acesso a eles, pois as escolas públicas possuem vastos acervos como também existem, na grande maioria das cidades, bibliotecas públicas, porém se acredita que falte um maior incentivo, políticas públicas que objetivem à formação do hábito da leitura, como também profissionais da educação que consigam desenvolver em seus alunos o desejo pela leitura, profissionais que mostrem para seus alunos que a leitura pode ser uma atividade prazerosa além de muito útil para o desenvolvimento cultural e cognitivo.

Destaca Bamberger:

Pela primeira vez na história, a leitura deixou de ser privilégio de uma pequena parcela da nossa sociedade; tornou-se indispensável que um número maior de pessoas leia. Além disso, em face da riqueza infinita e constantemente ampliada de assuntos e áreas de informação a serem publicados, a nossa escolha individual é cada vez mais importante. (1988, p. 13).

Nota-se que nos anos passados, a leitura só era acessível aos indivíduos que possuíam poder aquisitivo melhor, e hoje não somente a esses, pois aumentou consideravelmente o número de pessoas que têm acesso à leitura nas escolas e bibliotecas públicas. O que ocorre é que, muitas vezes, não há incentivo para essa prática, bem como não há consciência de sua importância, daí a necessidade de a escola mostrar aos alunos a importância e desenvolver a prática significativa da leitura, mostrar aos alunos aspectos de sua vida que serão melhorados com essa prática.

Os materiais de leitura são uma ferramenta de suma importância para todo o professor, pois propiciam melhores condições para o desenvolvimento das aulas, oferecendo assim um melhor desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem dos alunos leitores.

Um dos primeiros passos para formar leitores é oferecer livros e materiais que estejam próximos de sua realidade, que levantem questões significativas na sua

vida. A escola pode promover atividades com a importância da leitura e o papel que ela desempenha na aprendizagem. Conforme Silva:

[...] o processo de formação do leitor está vinculado, num primeiro momento, as características físicas (dimensões, materiais) e sociais (interação humana) do contexto familiar, isto é, presença de livros de leitores e situações de leitura que configuram um quadro específico de estimulação sócio-cultural. (SILVA, 2002, p. 51).

O autor ressalta que para formar um bom leitor é preciso colocá-lo em contato com o universo letrado, fazê-lo conviver com o mundo das palavras. Esse contato com o mundo letrado deve ser realizado, preferencialmente, pela família antes mesmo de o futuro leitor ingressar na escola.

Com isso, ressalta-se a importância da leitura significativa, letrada, que indague o leitor, e desperte nele o desejo e a necessidade de ler. Soares em seu livro: *Letramento: um tema e três gêneros*, versa que:

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é mais a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu *lugar* social, seu *modo* de viver na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente. (2006, p. 37).

Conforme a autora, quando uma pessoa passa de iletrada para letrada transforma-se socialmente e culturalmente. Nota-se que, adquirindo o letramento, a pessoa começa a ver o mundo de outra forma, visto que amplia seus horizontes, amplia saberes por meio da palavra escrita.

Diante disso, é grande a responsabilidade da escola, e conseqüentemente do professor, pois a maneira com que irão trabalhar os processos de leitura e escrita em sala de aula, na busca de letrar os alunos, influenciará na formação de leitores ou não, Kaufman enfatiza que:

A *tarefa de selecionar* materiais de leitura para os alunos é, em todos os níveis e modalidades da educação, uma das tarefas mais árduas que o professor tem de assumir em sua atividade pedagógica.

Selecionar implica avaliar e, portanto, acatar o caráter de objeto passível de avaliação de todos os materiais de leitura: os objetos a selecionar passam a estar sujeitos a juízos racionais em função de diversos critérios a determinar.

Nessa escolha de critérios, são postas em jogo as diferentes concepções que tem cada professor sobre a aprendizagem, os processos de leitura, a compreensão leitora, as funções dos textos, o universo do discurso (entendido como o conjunto integrado pela situação comunicativa e as limitações retórico-temáticas dos textos), e o papel que cabe ao professor como mediador dos atos de leitura que tem lugar na sala de aula. Além disso, coloca-se em jogo a representação que tem cada docente não só do desenvolvimento cognitivo e sócio-afetivo dos sujeitos a quem vão dirigidos os materiais, mas também dos interesses de leitura de tais destinatários. Assim, também intervém como variável significativa o valor que o docente atribui aos materiais enquanto recursos didáticos. (1995, p. 45).

Observa-se que nos dias atuais, as escolas públicas possuem um acervo de materiais disponíveis para o professor planejar as suas aulas, mas acontece, muitas vezes, que o professor não consegue selecionar o material a ser utilizado com determinada turma, o que pode ser decorrente da falta de tempo para planejar ou, mesmo, em virtude de uma formação lacunar que não garantiu ao profissional conhecimentos necessários para seleção de materiais didáticos para cada perfil de turma. Salienta-se que no trabalho com a leitura em sala de aula cabe ao professor conduzir o aluno na busca pelo entendimento sobre aquilo que está lendo, não trabalhando somente de forma descontextualizada, como ocorre, muitas vezes, em muitas das escolas. O material que o professor utiliza para desenvolver a leitura em sala de aula deve proporcionar ao aluno uma leitura prazerosa e, acima de tudo, significativa.

Na atual era da informação, o aluno chega à sala de aula com um conhecimento prévio riquíssimo e se o professor não dispuser materiais que lhe agradem, isso pode gerar desinteresse, por parte do aluno, pelo aprendizado proporcionado em sala de aula, tal como a leitura que é fundamental para a inserção social. Rodrigues *apud* Kaufman ensina:

Os textos - a partir de uma perspectiva sócio-funcional – são seleções, recortes, opções do potencial de significado contido na linguagem. Todo texto define-se como a realização de um potencial de significado: é o que se quer dizer, selecionado entre uma série de alternativas, que constituem o que se pode dizer. Essa realização cumpre-se em todos os níveis da linguagem: no nível da significação, no nível léxico-gramatical e, no caso em questão, no nível da escrita. (1995, p. 46).

Com relação aos textos trabalhados em sala de aula, tem-se notado que, muitas vezes, os assuntos abordados por eles, bem como suas estruturas, não condizem com a condição social e intelectual do aluno e, por isso, não são significativos para ele. Isso pode ser decorrente do despreparo de alguns dos professores para selecionar os textos que serão trabalhados em sala de aula, buscando estratégias que levem o aluno a pensar, refletir, para que ele consiga formar sua opinião crítica acerca do que vê e vive. Ressalta-se que para a formação de um sujeito crítico, pensante, a leitura é fundamental, visto que ela proporciona argumentos para embasar e credibilizar opiniões. Conforme Silva:

[...] Ninguém aprende a gostar de leitura apenas ouvindo falar de livros ou vendo de longe os livros trancafiados numa prateleira – é necessário que a criança pegue e manipule o ingrediente “livro”, leia o que está escrito dentro dele para sentir o gosto e para verificar se essa atitude tem ou poderá ter uma aplicação prática em seu contexto de vida. (1995, p. 67).

É preciso ter a leitura na escola como algo primordial para o desenvolvimento sócio-cognitivo e humano da criança, e a partir do momento que se estabelece isso como princípio é preciso dar às crianças a liberdade para exercer o direito que têm de manusear os livros. Alguns professores encontram dificuldades na hora de selecionar o material, livros a serem trabalhados em cada série, porém cabe ao professor buscar meios para fazer a seleção do material que considere relevante ser trabalhado, considerando sempre os interesses e necessidades dos alunos.

No momento de selecionar o material é necessário que se observe o texto, a forma e o conteúdo, valorizando-os de maneira a oferecer aos alunos os mais variados gêneros textuais, para que ele os conheça e possa tomar posição quanto ao tipo de texto ou assunto que lhe agrada. Conforme Wolgast *apud* Bamberger:

A diversidade dos tipos de leitor entre os jovens deve ser levada em conta na biblioteca da escola. Cumpre proporcionar felicidade à criança à sua própria maneira, dentro dos limites do bom-gosto. O direito que tem a criança ao material de leitura que se ajusta aos seus gostos e sua natureza deve ser mais do que nunca enfatizado numa era em que tudo nos empurra para a cultura de massa. (1988, p. 36).

Conforme destaca o autor, todo educador deve considerar o grau particular de letramento de seus alunos para selecionar os materiais de leitura mais apropriados para se trabalhar com a turma. Destaca-se que cada ser possui suas especificidades e preferências e isso deve ser considerado na escolha de materiais de leitura, é preciso dar aos alunos oportunidades de escolher, sob orientação do professor, o material (livros, revistas, jornais, entre outros materiais) que mais lhes agrade, para que a leitura seja uma atividade prazerosa e possa, aos poucos, tornar-se um hábito para o aluno.

Cabe ressaltar que compete à sociedade e ao estado, por meio da escola, oferecer a todos os cidadãos uma oportunidade igual de acesso à leitura, fornecendo-lhes os diversos tipos de texto, tendo consciência das particularidades de cada leitor, e das preferências de cada um, cabendo a escola oportunizar que o aluno leia os diversos tipos de texto. Para Allende e Condemarín:

A leitura é a única atividade que constitui, ao mesmo tempo, forma de instrução e instrumento para o manejo de outras fases do currículo. Acima de tudo, umas das principais metas na educação básica era “aprender a ler”, agora a ênfase é dada no “ler para aprender”. Isso não significa que o primeiro lema não tenha validade na escola atual: nos cursos básicos, o ensino da leitura é da maior importância,; mas, posteriormente, a leitura é utilizada como instrumento para a aquisição de conhecimentos em outras disciplinas.

Naturalmente que a eficiência da leitura se relaciona de forma estreita com o êxito escolar. O leitor rápido e preciso possui um instrumento de valor incalculável para penetrar no amplo mundo do conhecimento que se encontra por detrás das capas dos livros. O leitor deficiente lê de maneira tão lenta que não pode processar diretamente o significado. Deve, em consequência depender em grande medida do que aprende pela escuta, razão pela qual tende a fracassar nas disciplinas que requeiram leitura. Este fracasso é maior na medida em que o aluno passa de ano, aumentando a necessidade de leitura no processo de aquisição de conhecimentos. (2005, p.16 e 17).

Nesse milênio, nunca se enfatizou tanto a leitura nas escolas e em outros lugares, em especial nos espaços públicos, como agora. O ser humano está buscando cada vez mais os conhecimentos por meio desse importante mecanismo que é a leitura. Ressalta-se que por meio da leitura é possível viajar, pensar, refletir sobre muitas questões que interferem no meio social em que se vive, mesmo estando distante dos olhos. A leitura proporciona a quem a pratica a oportunidade de conhecer o mundo sobre os mais diversos olhares, enfatizando os mais diversos aspectos.

Compreende-se que a leitura é uma atividade que auxilia no desenvolvimento intelectual dos seres humanos. Na educação atual, o aluno precisa ler para poder ir além, pois a leitura é um mecanismo que o auxilia para que consiga atingir um bom desenvolvimento em todas as disciplinas escolares, não somente nas de língua materna, o que o leva a ser possuidor de um conhecimento mais amplo. Salientam Lajolo e Zilberman:

Livros escolares são fonte insubstituível para qualquer história da leitura: não só porque, por hipótese, tais livros são instrumento sistemático para a formação de leitores, mas porque eles são também documento privilegiado para uma história da educação e da escola com a qual necessariamente se cruza a história social da leitura. E também a da literatura. (1998, p. 310).

Desde o seu surgimento o livro tornou-se importante para qualquer cidadão que procura melhorar seu desenvolvimento intelectual, pois a palavra escrita é um dos principais meios de disseminação de informação. Uma grande maioria dos livros auxilia na formação do indivíduo.

É por meio de livros que a maioria das pessoas inicia seu contato com a palavra escrita, e é tendo contato com materiais de leitura que se adquire ou não o hábito da leitura. O aluno que adquire a habilidade de ler, compreender e interpretar, possui um melhor desempenho em todas as áreas, visto que a leitura está presente em todas as disciplinas do currículo escolar, como também está presente nos demais ambientes sociais.

Cabe enfatizar que o professor antes de fornecer aos alunos livros de leitura deve avaliar se o livro está de acordo com o nível intelectual dos alunos; buscar

assuntos, por meio de diagnóstico prévio ao planejamento, que sejam de interesse dos mesmos, pois isso lhes despertará interesse, gerando uma atividade prazerosa e significativa para eles.

Frisa-se que o aluno ao entrar para a escola traz consigo um grande conhecimento, e esse vai sendo ampliado de forma gradativa, conseguindo desenvolver suas capacidades de compreensão e aos poucos vai se formando um aluno crítico que pode iniciar um trabalho que trará bons resultados. Isso também fará com que melhor consiga se relacionar com o meio. Ressalta-se que grande parte desses saberes necessários à interação são adquiridos por meio da leitura e da escrita, o que o auxiliará a compreender o mundo de uma maneira mais verossímil.

Durante a leitura já ocorre interação e não somente depois dela. A interação que ocorre durante é referente à relação do leitor com o escritor do texto, pois no processo de leitura, o autor do texto se dirige ao leitor, logo, o leitor deve lê-lo e compreendê-lo interagindo com o autor por meio das ideias expostas no texto que está lendo. Alguns gêneros textuais trazem informações que não necessariamente precisam ser refletidas, esses gêneros passam informações fechadas, porém necessárias para a vida social. Kleiman destaca que:

Muitos, hoje em dia, dizem acreditar na leitura como uma interação em que leitor e autor constroem um texto. Entretanto, poucos professores ensinam a criança a ouvir o autor nessa interação. O texto é percebido como coleção de elementos descontínuos, discretos; assim como não é necessário buscar coerência ou uma intenção argumentativa na lista telefônica, também não é necessário ir além da ligação atribuída pela inserção contígua, num mesmo espaço material, nessa lista de elementos a que se reduz o texto trivializado em contexto escolar. Ou ainda, nas propostas mais interessantes, focalizam-se apenas elementos formais enquanto marcadores de um conteúdo informativo, mas não enquanto marcadores de uma posição, ou de uma abertura para a estrada de um leitor imaginada por esse autor. (2008, p. 8).

Constata-se que por meio da leitura, o indivíduo consegue fazer uma ponte entre as ideias apresentadas pelo autor no texto, e a sua realidade. Nesse construir de pontes deixa, muitas vezes, o aluno sem fazer uma ligação com o próprio conteúdo, o meio em que o aluno vive, bem como a função social do gênero do

texto estudado. Hoje, é necessário que a escola crie, proporcione instrumentos para que seus alunos se tornem bons leitores e construtores de seus próprios conhecimentos, sabendo ler, interpretar, tendo consciência da função, utilidade de cada texto em sua vida.

Conforme Kaufman, ao deparar-se com os mais variados gêneros textuais, o aluno torna-se capaz de perceber que cada um dos textos possui funções e características diferenciadas. Sendo assim, as formas de comunicação é que determinam os gêneros e esses dão formas aos textos. Seguindo esse mesmo pensamento, Kaufman aborda que:

Os textos, enquanto unidades comunicativas, manifestam diferentes intenções do emissor: procuram informar, convencer, seduzir, entreter, sugerir estados de ânimo, etc. Em correspondência a essas intenções, é possível categorizar os textos, levando em conta uma única função da linguagem que neles predomina.

Os textos nunca são construídos em torno de uma função da linguagem; sempre manifestam todas as funções, mas privilegiam uma; por isso, falamos em função predominante. (1995, p. 13 e 14).

Reporta-se na linguagem da autora a função informativa que é a de informar, a de fazer conhecer; função literária com intencionalidade estética; função apelativa que visa a modificar comportamentos; função expressiva que manifesta a subjetividade do emissor.

Para Kaufman (1995), os educadores necessitam proporcionar um encontro entre os alunos e o texto. É de suma importância que no processo de construção da escrita e da leitura se utilize os textos que circulam no meio social no qual os alunos se encontram. No convívio com diferentes gêneros textuais melhora-se o desenvolvimento de uma maior capacidade no processo da construção da escrita e da leitura significativa. Para Kaufman, a compreensão do texto depende da relação existente entre diferentes partes do mesmo. É importante que sejam empregados na prática pedagógica textos de circulação social. Smith manifesta:

[...] que as crianças se tornam leitores quando são engajadas em situações nas quais a linguagem escrita é usada de maneira significativa, assim como elas aprendem a linguagem falada quando estão em contato com pessoas que usam a fala de maneira significativa. A aprendizagem da leitura é apenas a tentativa de dar sentido ao que lê, e o esforço para ensinar a ler, portanto, é apenas o de tornar aquela tarefa interessante e compreensível. (1999, p. 06).

Todos os professores deveriam possuir entendimento do processo de compreensão e aquisição⁶ da leitura e também, de como os alunos devem aprender a ler. Smith (1999 p. 12) mostra dois requisitos básicos para aprender a ler: “[...] (1) a disponibilidade de material interessante que faça sentido para o aluno e (2) a orientação de um leitor mais experiente e compreensivo como um guia.” Sendo assim, para o professor guiar seu aluno no processo de compreender e adquirir a escrita, precisa, antes de mais nada, ser, também, um leitor. Smith (1999, p. 12) ressalta que: “[...] a leitura não pode ser ensinada para as crianças. A responsabilidade do professor não é a de ensinar as crianças a ler, mas a de tornar a aprendizagem da leitura possível.” Destaca-se que o professor passa a possuir um novo desafio: o de permitir a aprendizagem ao aluno.

Essas habilidades serão desenvolvidas a partir da prática da leitura, essa é desenvolvida com a experiência de vida e não somente com o ensino. Quando lemos, a nossa preocupação não pode ser na memorização, mas sim, na compreensão. Pois a partir do momento que se torna um verdadeiro leitor (leitura significativa) está capacitado a entender o conteúdo dos mais diversos gêneros textuais (entrevistas, reportagens, contos, crônicas, histórias em quadrinhos, texto de divulgação científica, cartas, biografias, entre outros textos), porque adquire o conhecimento de leitura, Foucambert destaca que:

6 Conforme o Dicionário Aurélio: 1. Ato ou efeito de adquirir; aquisição. 2. Coisa adquirida.

[...] aprende-se a ler com textos, não com frases, menos ainda com palavras, jamais com sílabas... E com textos longos, centrados diretamente na experiência e nas preocupações das crianças, na maioria das vezes redigidos pelos professores ou, às vezes, provenientes de fora da escola ou extraídos de escritos sociais; sempre concebidos, porém, como deveriam ser para responder de fato as necessidades dessas crianças se elas soubessem ler. Textos, portanto, que funcionem realmente para leitores; -aprende-se a ler lendo textos que não se sabe ler, mas de cuja leitura se tem necessidade. Lê-los é procurar as respostas às perguntas que nos fazemos, as quais supomos estarem respondidas de alguma forma nos textos. Lê-los significa mobilizar tudo o que já sabemos, sobre a pergunta, sobre as possíveis respostas, sobre o funcionamento da escrita, para reproduzir o espaço do que ainda é incompreensível. Ler – e, portanto, aprender a ler – é uma negociação entre o conhecido, que está na nossa cabeça, e o desconhecido que está no papel; entre o que está atrás e o que está diante dos olhos.[...]. (1994, p. 37 e 38).

Acredita-se que uma das maneiras de fazer com que os alunos demonstrem interesse pela leitura é por meio do exemplo, ou seja, se a criança, desde casa visualizou seus pais lendo, na escola vê seus professores lendo, ela, possivelmente, demonstrará vontade de ler também.

Destaca-se que, para o desenvolvimento de uma leitura significativa, é preciso, antes de mais nada, que o leitor, iniciante ou não, possua interesse por aquilo que irá ler. É preciso que ele queira compreender o texto para sanar dúvidas dele próprio, e não simples indagações apresentadas pelo professor em sala de aula, cujas respostas não são de seu interesse. Salienta Foucambert:

[...] - as estratégias empregadas nesses atos de leitura serão analisadas e comparadas pelos diferentes atores que refletem sobre sua prática. Trata-se de passar do “como fazemos para saber o que...?” ao “como a escrita faz para nos fazer saber que...?”. De fato, a leitura é conjunto de estratégias audiovisuais que utilizam os índices contidos na camada ideográfica da escrita. Mas o domínio dessas estratégias não resulta de uma acumulação indefinida de formas visuais que bastaria memorizar, pois nunca se trata de um amontoado de palavras, mas de sua diferenciação e de sua organização por meio de uma sintaxe. Toda palavra nova encontrada obriga a ver de outra maneira as palavras já conhecidas. Assim, o conhecimento do sistema da escrita evolui porque as estratégias de leitura evoluem. Trata-se de criar rapidamente entroncamentos que permitem organizar os encontros ideográficos para transformá-los num sistema provisório da exploração da escrita que evoluirá a medida que os contatos com os textos diversificarem. (1994, p. 38).

Conforme o autor, a criança, para aprender a ler, precisa de textos e não de frases soltas descontextualizadas. Os textos mais longos trazidos para sala de aula ou foram produzidos pelo próprio professor, ou são textos da vida além da escola, textos de circulação social e por isso, diferentes dos que ocorrem com a decodificação de frases soltas. Os alunos conseguem perceber sentido naquilo que decodificam, efetuando práticas de leitura e não meramente de decodificação.

O que diferencia a leitura da simples decodificação dos códigos escritos é o sentido que o leitor consegue produzir, a maneira com que relaciona aquilo que lê com os conhecimentos que já possui de forma que consegue se apropriar de novos conhecimentos.

Entende-se que trabalhando com variados gêneros de textos, a leitura se torna o centro do trabalho no processo da construção do conhecimento linguístico, de mundo e científico, pois a palavra possuirá maior significação para ele, podendo apresentar também diferentes significados. Propiciando assim maiores e melhores oportunidades ao aluno de ler e discutir embasado em argumentos teóricos, o que dá maior sustentação às suas opiniões. Na concepção de alfabetizado, letrando, Foucambert (1994) ressalta que a leitura e a escrita formam um ser crítico, consciente do que pensa, constrói, interpreta e age sobre o real, dialogando na busca da construção do conhecimento, tendo a linguagem como uma forma de ação individual direcionada para o social.

Para que a leitura se torne prazerosa e construtiva é necessário, segundo Frank Smith, que:

[...] a linguagem escrita deve ter sentido e utilidade para as crianças que estão lutando para aprender a ler. Essa assistência essencial pode ser dada pelos professores que entendem a natureza da leitura e que conhecem o aluno individualmente, mas não pelos procedimentos formais de ensino projetados previamente por alguém de fora da sala aula. (1995, p. 17).

Conforme destaca o autor é importante que a criança sinta a necessidade de aprender a palavra escrita por perceber a utilidade que a mesma tem para sua vida, bem como que a criança consiga produzir sentido na palavra escrita, ou seja, consiga ler e aprender com ela, ler e conseguir entender a mensagem que o escritor

buscou transmitir por meio das palavras.

Ainda destaca, também, que não são procedimentos formais de ensino, que foram pensados por alguém que desconhece a realidade dos alunos, que darão assistência ao aluno na construção da concepção de que a escrita é importante e que se faz necessário ler e conseguir produzir sentido naquilo que se lê. Essa assistência precisa ser dada pelo próprio professor, que além dos conhecimentos acerca da natureza da leitura possui também o conhecimento da realidade da escola, como também das particularidades de cada um dos alunos que frequentam a sua sala de aula diariamente.

Conforme Ângela Kleiman:

[...] O conhecimento linguístico, o conhecimento textual o conhecimento de mundo devem ser ativados durante a leitura para poder chegar ao momento da compreensão, momento esse que passa despercebido, em que as partes discretas se juntam para fazer um significado. O mero passar de olhos pela linha não é leitura, pois a leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado, de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes para a compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos, mas que certamente não explicita tudo o que seria possível explicitar. (2001, p. 26).

Diante disso, percebe-se que para chegar ao entendimento do texto, durante a leitura, é necessário que o leitor já possua alguns conhecimentos prévios relacionados ao assunto abordado no texto, (conhecimento de mundo) como também, conhecimentos linguísticos acerca do vocabulário e das estruturas textuais. Salienta-se que quando se estabelece entendimento, sentido, a um determinado texto lido, estão presentes no leitor os muitos conhecimentos, que o aluno possui previamente ao lê-lo.

A consideração de objetivos contribui para a formulação de hipóteses essenciais à compreensão do texto, o qual pode parecer mais difícil ao leitor quando as articulações estruturais não estão explícitas, pois então ele precisa se valer de estratégias cognitivas, reformulando os objetivos ou desdobrando processos de compreensão. Ressalta-se que durante esse processo, o leitor interpreta as informações, qualidades do texto, as quais são percebidas como elementos base

para o estabelecimento de coerência. Ezequiel Theodoro da Silva manifesta que:

A leitura (ou a resultante do ato de se atribuir um significado ao discurso escrito) passa a ser, então, uma via de acesso a participação do homem nas sociedades letradas na medida em que permite a entrada e a participação no mundo da escrita; a experiência dos produtos culturais que fazem parte desse mundo possível pela existência de leitores. Daí ser a escola uma instituição formal que objetiva facilitar a aprendizagem não só do falar e ouvir, mas principalmente do escrever e ler. (SILVA, 1987, p. 64).

Conforme o autor, a escola deve fornecer aos indivíduos meios de desenvolver a fala e a escrita, mas principalmente a leitura e a escrita. A criança quando ingressa na escola já domina a fala e a audição, mesmo que não da maneira tida como ideal, ou seja, utilizando a língua culta (português padrão). Já, no que se refere à escrita e à leitura, a criança, na maioria das vezes, não possui o mesmo conhecimento acerca da leitura e da escrita, portanto a escola possui o dever de ensinar essas práticas como também de aperfeiçoá-las constantemente, dando meios de o aluno interagir com a palavra escrita, compreendendo-a e desenvolvendo-a, sempre considerando a cultura do aluno, buscando textos de sua vida cotidiano para que a leitura e a escrita sejam significativas para ele.

Preenchendo essas possibilidades, lê-se com o intuito de ampliar os limites do conhecimento existente no indivíduo leitor. Silva, em seu livro: *O Ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*, versa que:

As experiências conseguidas através da leitura, além de facilitarem o posicionamento do ser do homem numa condição especial (o usufruto dos bens culturais escritos, por exemplo), são ainda, as grandes fontes de energia que impulsionam a descoberta, elaboração e difusão do conhecimento. (1987, p. 38).

Conforme o pesquisador, a leitura se apresenta como um suporte indispensável na construção e formação do ser humano como um todo. Para tanto, essa leitura precisa ser significativa, ou seja, é necessário que o leitor consiga compreender o texto e, para isso, ele precisa ser letrado.

5 LEITURA DE ESTUDANTES E PROFESSORES

Neste capítulo serão apresentados os dados referentes ao teste aplicado e às questões de pesquisa, buscando caracterizar as práticas de leitura desenvolvidas por estudantes e professores. Esses dados serão comparados com os que foram levantados pela pesquisa retratos da leitura no Brasil desenvolvida pelo instituto pró-livro, publicada em 2008.

A pesquisa realizada pelo Pró-livro, no ano de 2007, entrevistou cinco mil e doze informantes em trezentos e onze municípios em todos os estados e no distrito federal, procurou, sempre que possível, reproduzir as características como gênero, escolaridade, idade, renda familiar, religião, entre outros aspectos, dos pesquisados. Essa investigação representa o retrato da leitura no Brasil, por outro lado a presente pesquisa objetiva estabelecer o retrato de leitura de estudantes e professores do ensino médio de duas cidades do extremo oeste catarinense.

Ressalta-se que não se tem, aqui, como objetivo comparar os dados apresentados por professores e alunos, mas apresentar uma descrição do desempenho de cada um dos grupos.

A princípio apresentam-se algumas características dos sujeitos da amostra. Os alunos apresentam idade média de 17 anos, como pode ser observado no gráfico 1.1. A maioria são meninas, conforme está exposto no gráfico 1.2. Quanto ao local de residência, a maioria reside na zona rural dos municípios sede.

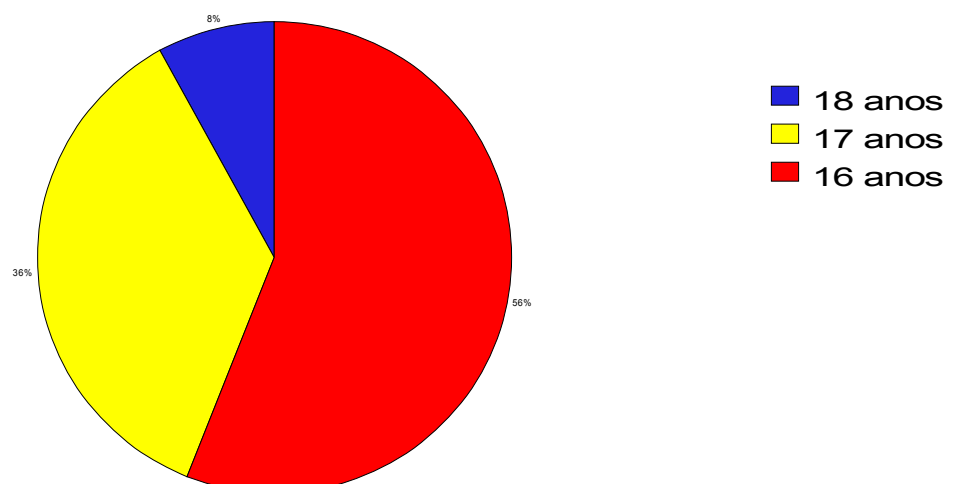


Gráfico 1.1 Idade dos alunos da amostra.

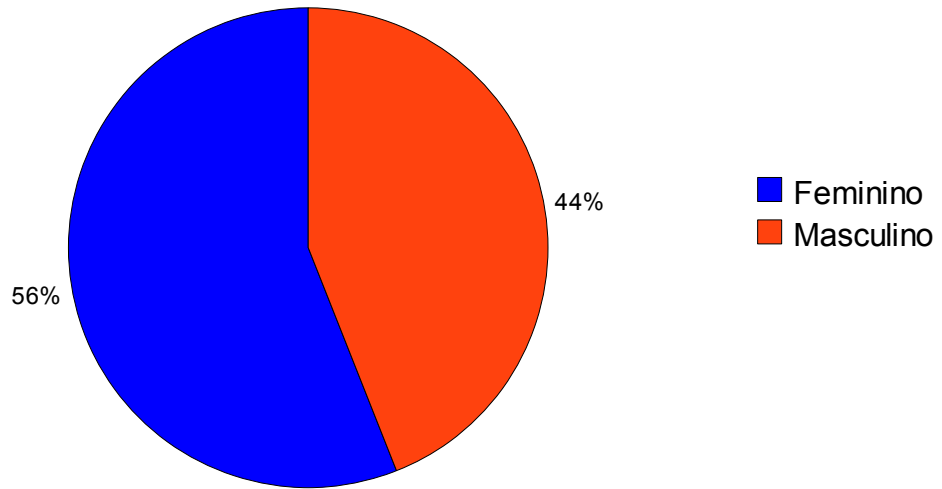


Gráfico1.2 Sexo dos alunos da amostra.

Quanto aos professores, observa-se que são todos especialistas. A idade dos mesmos está especificada no gráfico 1.3 e o sexo no gráfico 1.4.

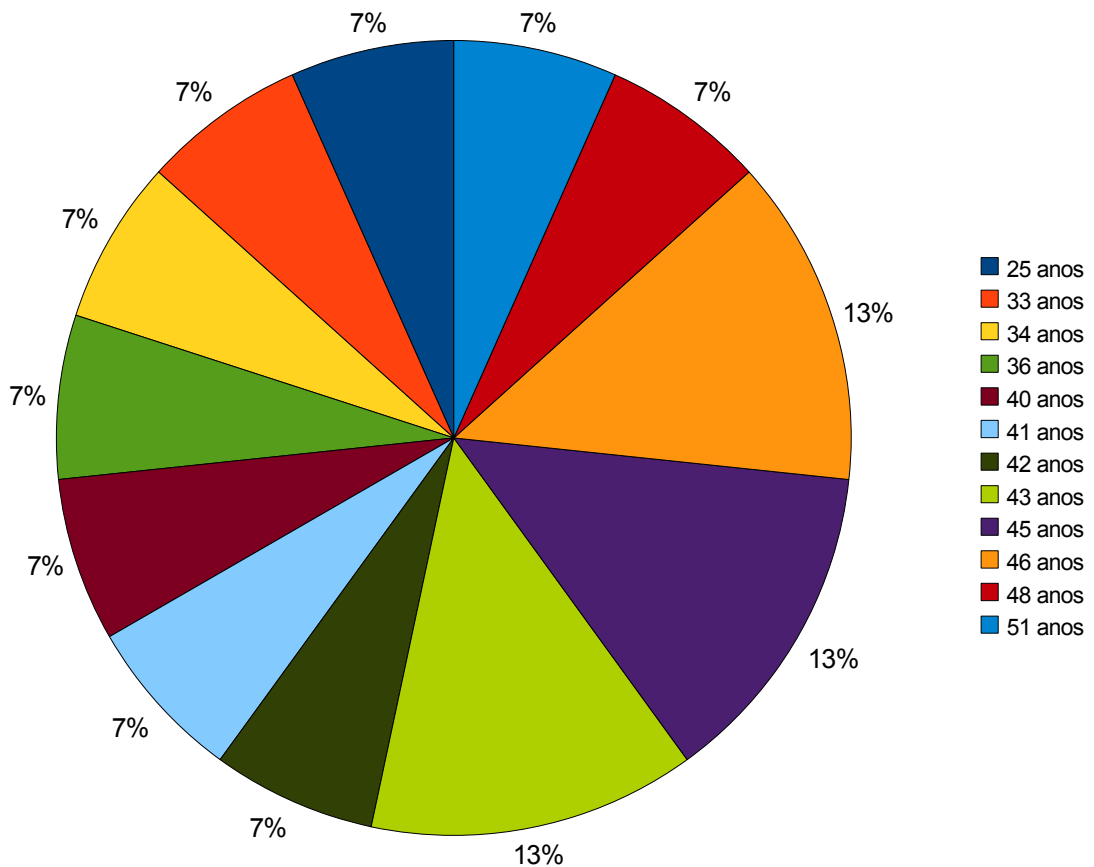


Gráfico1.3 Idade dos professores da amostra.

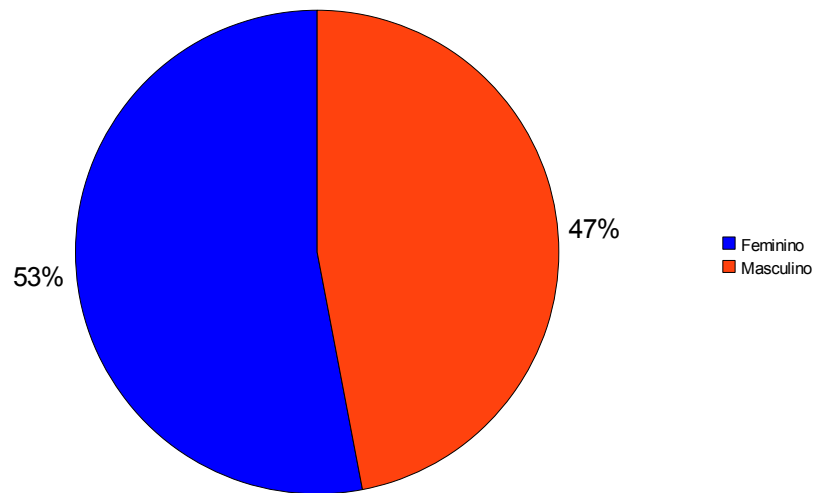


Gráfico 1.4 Sexo dos professores da amostra

5.1 TESTE ESPECÍFICO DE LEITURA SIGNIFICATIVA

Para verificar o nível de leitura significativa dos alunos e dos professores foi aplicado um teste envolvendo leitura significativa, está assim caracterizado: nove questões de múltipla escolha; uma de resposta livre; duas de decodificação linguística; uma de organização textual, conforme descrito na introdução deste estudo.

5.1.1 As questões do teste de múltipla escolha

Cada questão apresenta cinco opções, sendo que somente uma das alternativas que cada questão apresentada é correta.

VOCÊ DOARIA SEUS ÓRGÃOS?

01Durante muito tempo, a humanidade sonhou com a ajuda da ciência na construção

02 de um mundo melhor. Se o fim de todos os males é algo que só Deus pode realizar, os
 03 homens sonharam, pelo menos, com soluções mais eficientes para o tratamento e cura de
 04 diversas doenças.
 05 Com o avanço tecnológico, os transplantes de órgãos tornaram-se mais seguros e
 06 diminuíram sensivelmente os riscos de rejeição.
 07 Desde há muito tempo, e ainda hoje, o arriscar ou dar a vida livremente para salvar
 08 alguém é considerado um ato heróico, não só pela igreja, mas parece um consenso entre
 09 os povos. Para os cristãos, o supremo gesto de amor, Jesus Cristo realizou na cruz
 10 entregando-se por inteiro para a salvação da humanidade.
 11 Parece difícil acreditar que, uma sociedade que se diz cristã, prefira ver crianças e
 12 jovens morrendo por falta de doadores, enquanto entrega, com a satisfação de um dever
 13 cumprido, o corpo de seus entes queridos como alimento aos vermes da terra.
 14 É irônico que muitas das pessoas indiferentes ou a favor de que uma vida inocente
 15 e indefesa seja arrancada do útero materno, sintam-se indignadas diante da possibilidade
 16 de que após a morte lhe seja retirado um órgão que poderá Ter dois fins: apodrecer num
 17 túmulo, ou salvar a vida de alguém.
 18 Apesar das controvérsias e medos, a doação de órgãos brilha como solidariedade
 19 viva nos olhos daqueles que recuperaram a alegria de viver, graças a gestos que
 20 materializam o amor que permanece para além da dor e da morte.

(Marcos A. de Medeiros)

Com base no texto acima, assinale a única alternativa correta, questões de um a nove.

1) Com relação à doação de órgãos, o autor afirma que:

- a) Doar órgãos é um ato que Deus não permitiria
- b) Poderá ocorrer roubo de órgãos
- c) Que a ciência está equivocada com os transplantes de órgãos
- d) Doar órgãos é um gesto heróico para salvar a vida de alguém**
- e) Devemos deixar tudo nas mãos de Deus

2) Com a expressão Alegria de viver, linha 19, o autor informa que:

- a) Numa sociedade cristã é preferível ver jovens e crianças morrendo por falta de doadores.
- b) Que a doação de órgãos brilha nos olhos de quem recupera a vida.**
- c) Jesus Cristo entregou-se por inteiro para salvar a humanidade, o ser humano pode também ajudar os seus semelhantes.
- d) Os homens sonharam com as soluções para os problemas que eram consideráveis sem solução
- e) O aborto é um ato semelhante ao da doação

3) A palavra *durante*, linha 01, pode ser substituída sem alterar o sentido por:

- a) Apesar
- b) Existe
- c) Algum
- d) Há**
- e) Se

4) Assinale a alternativa correta. Irônico, segundo autor do texto, é:

- a) Lutar contra o aborto e doar órgãos
- b) Lutar contra o aborto e indignar-se diante da violência urbana

- c) Apodrecer num túmulo
- d) Estar indiferente diante do aborto, mas lutar pela doação de órgãos
- e) **Estar indiferente ou a favor do aborto e revoltar-se com a doação de órgãos**

5) Segundo o texto, considerando o avanço da tecnologia, transplantar órgãos pode:

- a) Não haver riscos de rejeição
- b) Arriscar e não salvar a vida de alguém
- c) Salvar a vida de pessoas por pouco tempo
- d) **É possível, mas, ainda há riscos de rejeição**
- e) Superar as ações divinas, aumentando o tempo de vida das pessoas.

6) As condições mais eficientes para a solução da falta de órgãos está baseada

- a) **Ajuda da ciência, tecnologia e conscientização da humanidade**
- b) Só Deus é capaz de solucionar
- c) É injusto o apodrecimento de órgãos
- d) As doenças não serão transmissíveis
- e) Estética do doador de órgãos.

7) Com o avanço tecnológico nos transplantes de órgãos conseguiu-se:

- a) Com que mais pessoas doassem órgãos
- b) Que a igreja aceitasse este ato
- c) **Mais segurança e menor rejeição dos órgãos**
- d) Menos comercialização de órgãos.
- e) Maior tempo de vida para os receptores

8) A segurança a que se refere o 2º parágrafo do texto diz respeito a:

- a) Torna-se inquestionável a atuação dos médicos especialistas
- b) O desvio de órgãos (contrabando) é impossível
- c) Fica assegurado a todos o direito de um transplante
- d) **Os métodos usados oferecem maior segurança.**
- e) As pessoas tranquilizam-se perante a confiança na ciência.

9) Conforme o texto, a expressão avanço tecnológico pode ser substituído por;

- a) Melhoramento das técnicas da medicina.
- b) O progresso da humanidade.
- c) A possibilidade de salvar mais vidas.
- d) Evolução dos métodos científicos.
- e) **A descoberta de novas técnicas de transplante.**

Nas tabelas a seguir são apresentados os acertos e erros apresentados por alunos e professores em cada uma das questões de múltipla escolha.

Aluno	Questões								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	C	C	C	X	X	X	C	C	X
2	C	X	X	X	X	X	X	C	X
3	X	C	C	X	X	X	X	C	X
4	C	C	C	X	X	C	C	C	X
5	C	C	C	X	C	C	X	C	X
6	C	C	C	X	X	X	C	C	X
7	C	C	X	X	X	X	X	X	X
8	C	C	C	X	X	C	C	C	C
9	C	C	C	X	X	C	X	C	X
10	C	C	C	X	C	C	X	X	X
11	C	C	C	X	C	C	C	C	X
12	C	C	C	C	X	C	X	C	X
13	C	C	X	X	X	C	C	X	X
14	C	C	C	C	X	C	X	X	X
15	C	C	C	X	C	C	X	C	X
16	C	C	C	X	X	C	X	X	C
17	C	C	C	C	C	C	C	C	X
18	C	C	C	X	C	C	C	C	X
19	C	C	C	X	X	C	C	C	X
20	C	C	C	C	C	C	C	C	X
21	C	C	C	C	C	X	C	X	X
22	C	C	C	C	C	C	C	C	X
23	C	C	C	C	X	C	X	X	X
24	C	C	C	X	X	C	C	C	X
25	C	C	C	X	C	C	X	C	C
26	C	C	C	C	X	C	C	C	X
27	C	C	C	C	C	C	C	X	X
28	C	C	C	C	C	X	C	C	C
29	C	C	C	C	C	C	C	C	X
30	C	X	C	C	C	C	X	C	X
31	C	C	C	C	C	C	C	C	X
32	C	X	C	X	X	C	X	C	X

33	C	C	C	X	X	C	C	C	C
34	C	C	C	X	C	C	C	C	C
35	C	C	C	C	C	X	X	X	X
36	C	C	C	C	C	C	X	X	X
37	C	C	C	X	X	C	X	C	C
38	C	C	C	C	C	C	X	X	X
39	C	C	C	C	C	X	X	C	X
Total %	97	92	92	44	59	64	59	72	18

Tabela 1.1. Desempenho dos alunos nas questões de 1 a 9.

Professor	Questões								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	C	C	C	X	C	C	C	C	C
2	C	C	C	C	C	C	C	X	X
3	C	C	C	X	C	C	C	C	X
4	C	C	C	X	C	X	X	C	X
5	C	X	C	C	X	C	C	C	X
6	C	C	C	C	C	C	X	C	X
7	C	C	C	X	C	C	C	C	X
8	C	C	X	C	C	C	C	C	X
9	C	C	C	X	C	C	C	C	X
10	C	C	C	X	X	C	C	C	X
11	C	C	C	X	C	C	C	C	X
12	C	C	C	C	C	C	C	C	X
13	C	C	C	C	C	C	C	C	X
14	C	C	C	X	C	C	C	C	X
15	C	C	C	C	X	C	C	C	X
Total %	100	93	93	47	73	93	87	93	7

Tabela 1.2. Desempenho dos professores nas questões de 1 a 9.

Para acertar a essas nove questões, os pesquisados precisavam interpretar o texto Doação de Órgãos de maneira adequada, para isso deveriam utilizar as suas habilidades de interpretação e compreensão de textos. Conforme Orlandi: “O gesto da interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é “materializada” pela história.” (1998, p. 18).

Com isso, vê-se que tanto os alunos como os professores conseguiram desenvolver, parcialmente, (pois nenhum acertou todas as questões do teste) o processo de compreensão de textos nas questões. Conforme Kleiman:

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. [...] (2002, p.13).

Segundo os princípios de Vianna (2002), as questões desse teste se dividem em fáceis, de dificuldade média e difíceis, com base na porcentagem de acertos obtidos durante o teste do instrumento que fora realizado com duas turmas de ingressantes do ensino superior. Considera-se as questões 1, 2 e 3 fáceis; questões 5, 6, 7 e 8 de dificuldade média; as questões 4 e 9 difíceis.

Observa-se que os resultados do teste aplicado confirmam o nível de dificuldade observados durante a avaliação das questões.

A partir dos resultados, verifica-se que as questões quatro, cinco e nove que envolvem conhecimentos de conteúdo e conhecimento de mundo oferecem um nível maior de dificuldade, observa-se, então, que o processo de leitura dos pesquisados, ainda, não está completo, há necessidade de se aperfeiçoar a análise do conteúdo dos textos, comparando-os com a realidade, pois, segundo Smith (1999, p. 114): “A leitura significativa proporciona não somente as pistas essenciais para o feedback necessário para aprender a ler, mas proporciona também o seu próprio esforço”.

Segundo Kleiman (2002) a compreensão de um texto se caracteriza pela utilização do conhecimento prévio, o leitor precisa utilizar o que já sabe, o que adquiriu ao longo de sua vida para interpretar o sentido atribuído ao texto. Observa-se que o leitor que não interage com os diversos níveis de conhecimento, ou seja, linguístico, de mundo e de conteúdo, não constrói um processo interativo com o texto e não consegue refletir sobre o tema lido.

5.1.2 A questão do teste de resposta livre

Para responder a esta questão, os sujeitos da amostra precisavam expor suas opiniões acerca do assunto de que tratava o texto contido no teste: *Doação de órgãos*.

10 - E você, o que pensa a respeito da doação de órgãos?

Conforme Gil Neto: “O que vale como estratégia de interpretação de textos é a colocação do ponto de vista pessoal: o posicionamento claro e coerente de cada leitor. É importante se sentir à vontade para dialogar com o texto.” (1996, p. 67).

Verifica-se que todos os pesquisados conseguiram responder à questão, expondo a opinião acerca da doação de órgãos. Apresentam poucos erros de ortografia e pontuação, manifestando opiniões acerca da doação de órgãos.

A seguir, apresentam-se algumas das respostas dadas pelos pesquisados.

“A doação de órgãos é mais que um ato de solidariedade ou de amor. É doação total, é recriar a vida. Por que não doar se não vamos mais usar depois?”

“Além de ser uma conquista da medicina, é uma maneira de fazer com que aquele que não tem mais vida deixe parte de si para que outros possam continuar a vida, ou vivendo”.

“Eu penso que a doação de órgãos é um ato solidário e importante para salvar vidas de pessoas que têm algum problema de saúde”.

“Acho muito legal para quem tem coragem desse ato de amor. Eu particularmente admiro muito essas pessoas e familiares que doas os órgãos após a morte”.

Quadro 1.1. Respostas dadas à questão 10.

Considerando as respostas pelos pesquisados observa-se que nem todas as respostas foram coesas e coerentes, como exemplo pode-se citar: “doar é recriar a vida”; nesse caso o termo recriar não cabe, pois doar indica a possibilidade de salvar a vida e não recriá-la; “doar é salvar quem tem problema de saúde,” observa-se a incoerência, pois nem todos os problemas de saúde são resolvidos com doação; “legal para quem tem coragem” o termo legal prevê a existência de uma legislação e esse não é o caso.

Comparando-se as respostas e as ideias expostas pelo autor, considera-se que nem todos os pesquisados, embora a resposta fosse livre, conseguiram

posicionar-se de forma coesa e coerente sobre o assunto.

5.1.3 As questões do teste de decodificação linguística

As questões onze e doze requeriam dos pesquisados que reescrevessem os textos, os quais apresentavam as letras das palavras de forma embaralhada, logo eles teriam de lê-las, e saber de que palavra se trata para rescrevê-la de forma correta.

11 - Leia o fragmento a seguir e reescreva-o, colocando as letras na ordem correta. “De aorcdo com uma peqsiusa de uma uinvesriddae ignlsea não ipomtra em qaul odrem as Lteras de uma plravaa etãso, a úncia csioa iprotmatne é que a piremria e útmlia Lteras etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma bçguana ttaol, que vcoê anida pdoe ler sem pobrlmea. Itso é poqrue nós não lmeos cdaa Ltera isladoa, mas a plravaa cmoo um tdo. Soh de bloa.”

12 - Leia e reescreva o seguinte texto: “35T3 P3QU3N0 T3XTO 53RV3 4P3N45 P4R4 M05TR4R C0M0 N0554 C4B3Ç4 C0NS3GU3 F4Z3R C01545 1MPR35510N4ANT35! R3P4R3 N1550! N0 C0M3ÇO 35T4V4 M310 COMPL1C4DO, M45 N3ST4 L1NH4 SU4 M3NT3 V41 D3C1FR4NDO O CÓD1GO QU453 4UTOM4TIC4M3NT3, S3M PR3C1S4R P3N54R MU1TO, C3RTO? POD3 F1C4R B3M ORGULHO5O D1550! SU4 C4P4C1D4D3 M3R3C3! P4R4BÉN5!”.

Constata-se que os 39 alunos pesquisados conseguiram reescrever o texto *show de bola*, porém, nove desses alunos apresentaram erros, como troca de letras maiúscula por minúscula o que não desmerece sua capacidade letrada, visto que conseguiram decodificar as palavras codificadas, pois conforme Barbosa: “[...] diante do novo saber ler, em que os olhos vão adivinhando, explorando e reorganizando o sentido intuído, busca reinventar sua atuação a partir da reflexão coletiva sobre o ato da leitura e sobre os labirintos da formação do leitor.”(2004, p. 67).

Observa-se que os professores não apresentaram dificuldades para

reescrever o texto, uma vez que todos decodificaram, respeitando os sinais de pontuação e emprego das letras maiúsculas e minúsculas, colocando as letras em ordem conforme solicitado na questão. Um professor, apesar de ter acertado a questão, apresentou pequenos erros quanto ao emprego correto da pontuação, bem como uso de letras maiúsculas e minúsculas.

Na sequência é apresentada uma resposta dada à questão: “ De acordo com uma pesquisa de uma universidade inglesa não importa em qual ordem as Letras de uma palavra estão, a única coisa importante é que a primeira e última Letras estejam no lugar certo. O resto pode ser uma bagunça total, que você ainda pode ler sem problema. Isto é porque nós não lemos cada Letra isolada, mas a palavra como um todo”.

Quanto a questão doze, verifica-se que apenas um não conseguiu decifrar o código em sua totalidade, mas algumas palavras e, sendo assim, não obteve êxito em sua reescrita.

Apresenta-se uma das respostas: “ESTE PEQUENO TEXTO SERVE APENAS PARA MOSTRAR COMO NOSSA CABEÇA CONSEGUE FAZER COISAS IMPRESSIONANTES! PERARE NISSO! NO COMEÇO ESTAVA MEIO COMPLICADO, MAS NESTA LINHA SUA MENTE VAI DECIFRANDO O CÓDIGO QUASE AUTOMATICAMENTE, SEM PRECISAR PENSAR MUITO, CERTO? PODE FICAR BEM ORGULHOSO DISSO! SUA CAPACIDADE MERECE! PARABÉNS!”

5.1.4 A questão do teste de reorganização textual

A questão treze solicitava aos alunos e professores da amostra que, a partir dos dados fornecidos, produzissem um texto.

13 - **Com os dados fornecidos, elabore um texto coeso e coerente.**

Dados: “**Dados: Chegou em casa cansado; deixou sua namorada em casa; trancou a casa; comprou presente para o formando; deixou sua irmã menor na casa da babá; divertiu-se muito; deixou a chave na vizinha da frente; João Carlos recebeu um convite para a formatura de seu amigo; conversou com**

seus amigos; pediu que sua namorada lhe acompanhasse na formatura; conversou com seus pais e foi dormir”.

Constata-se que, dos trinta e nove alunos, trinta e um conseguiram desenvolver o texto empregando os dados com ordem cronológica, manifestando coesão e coerência, sem apresentar problemas quanto a estrutura textual; oito não conseguiram desenvolver o texto conforme solicitado pela questão. Conforme Carvalho e Souza:

O texto bem produzido é, na verdade, uma estrutura organizada e bem equilibrada entre essas três etapas. Ele deverá refletir o lastro cultural do escritor em relação às ideias expostas sobre o tema (intertextuais). Deverá conter, as crenças e valores sobre o que o escritor defende ou critica, para atuar nos leitores de forma adequada (contextuais). Por último, deverá ser bem produzido linguisticamente, observando a boa construção sintática, a riqueza pertinência vocabular, a correção gramatical e o estilo (textuais). (1999, p. 127).

A seguir são citados exemplos de respostas corretas e de repostas erradas.

Resposta Correta	Resposta Errada
<p>“João Carlos recebeu um convite para a formatura de seu amigo. Comprou presente para o formando e pediu que sua namorada lhe acompanhasse na formatura. Trancou a casa, deixou a chave na vizinha da frente e deixou sua irmã menor na casa da babá. Divertiu-se muito, conversou com seus amigos. Deixou sua namorada em casa. Chegou em casa cansado, conversou com seus pais e foi dormir”.</p>	<p>“Chegou em casa cansado; Deixou sua namorada em casa; comprou presente para o formando, deixou sua irmã menor na casa da babá; divertiu-se muito, deixou a chave na vizinha da frente; João Carlos recebeu um convite para a formatura de seu amigo, conversou com seus amigos; pediu que sua namorada lhe acompanhasse na formatura; conversou com seus pais e foi dormir.”</p>
<p>“João Carlos recebeu um convite para a formatura de seu amigo, então comprou um presente para o formando. Depois disso, pediu que sua namorada o acompanhasse à formatura. Como seus pais haviam saído, trancou a casa, deixou a chave na vizinha da frente e levou sua irmã menor para a casa da babá. Na festa divertiu-se muito, conversou com seus amigos. Ao voltar, deixou sua namorada em casa. Chegou em casa</p>	<p>“João Carlos recebeu um convite para a formatura de seu amigo deixou sua irmã menor na casa da babá, comprou presente para o formando”</p>

cansado, conversou com seus pais e foi dormir”.	
---	--

Quadro 1.2. Respostas dadas à questão 13.

Pelos exemplos apresentados, pode-se afirmar que alguns alunos estão aquém na organização de textos, manifestando que não estão letrados, pois segundo Soares (2006) ser letrado é ser capaz de fazer uso coerente da escrita em situações formais.

Os treze professores responderam a essa questão, apresentaram o que fora solicitado.

5.2 A PRÁTICA DE LEITURA DOS ALUNOS

Para identificar a prática de leitura dos alunos foram realizadas questões sobre o tempo dedicado à leitura, bem como a prática das mesmas e os locais.

Na questão 1: **“Você costuma ler? Com que frequência realiza esta atividade? Em que local você costuma ler?”**

Aluno	Resposta
1	“Sim. Todo dia. Na escola e em casa”.
2	“Sim. Todo dia. Na escola e em casa”.
3	“Sim. Todo dia. Na escola e em casa”.
4	“Sim. Sempre que tenho tempo, a maioria da vezes pela manhã. Na sala deitada no sofá”.
5	“Sim, quando da vontade, no quarto”.
6	“Sim, uma vez, na escola”.
7	“Sim, todo dia, no ônibus, em casa e na escola”.
8	“Sim, de vez em quando na escola”.
9	“Sim, uma vez ao dia, leio na escola e em casa”.
10	“Sim, não com tanta frequência. Em casa”.
11	“Sim, todos os dias, na escola”.
12	“Sim, todo dia na escola”.
13	“Sim, todo dia na escola”.
14	“Sim, todos os dias na escola”.
15	“Sim, na escola, em casa”.

16	“Sim, pouca, no meu quarto”.
17	“Sim. Quase todos os dias. Gosto de ler quando estou no quarto, é o único lugar que eu consigo mais me concentrar”.
18	“Sim, uma vez por semana. Eu costumo ler no quarto”.
19	“Não. Raramente. Quando leio geralmente em casa, no colégio para estudar”.
20	“Sim, costumo ler um pouco cada dia para a leitura não se tornar cansativa. Leio no meu quarto”.
21	“Com uma média frequência, mas eu leio sim. Noticiários via internet, no computador”.
22	“Sim, de vez em quando, quase sempre na escola e as vezes em casa”.
23	“As vezes, quando a professora de português manda. No quarto e na sala de aula”.
24	“Não, só na escola”.
25	“As vez em quando, quando em da vontade em casa no quarto”.
26	“As vezes em quando, quando tenho tempo ou até mesmo nas aulas de leitura, local que leio é no quarto, sala e as vezes em local aberto”.
27	“Sim. Todas as noites, nos momentos que estou livre de trabalhos no ambiente onde tenho estágio”.
28	“As vezes sim, um livro a casa dois meses, no quarto”.
29	“Bom, na verdade não leio muito em casa, por falta de tempo, mas na escola em cada aula de leitura sempre leio, em casa depois da aula leio uma hora mais ou menos”.
30	“As vezes em quando, quando tem aula de leitura na escol ou em casa na sala ou no quarto”.
31	“Sim, um livro por mês. No sofá costumo ler (na sala), na cama e na mesa”.
32	“De vez em quando, quando leio na escola as vezes em casa só a noite no sofá da sala quando estou sozinha”.
33	“De vez em quando, algumas vezes ao ano, leio na maioria das vezes em meu quarto”.
34	“Sim, costumo ler todos os dias alguma coisa, leio no quarto ou sobre a mesa”.
35	“Sim, todo dia, em casa, na escola...”.
36	“Sim. Costumo ler de vez em quando, durante a semana algo que me chama atenção. Escola”.
37	“Sim, algumas vezes por semana, no colégio e em casa”.
38	“Sim, uma vez por semana, no quarto”.
39	“Sim, todos os dias eu leio, mas não é sempre livros de literatura. Leio no colégio”.

Quadro 1.3 Respostas dadas pelos alunos à questão 1 do questionário sobre leitura.

Como se pode observar no quadro 1.3, todos os alunos pesquisados relatam que costumam ler com bastante frequência, a maioria diz ler em casa e na escola, enquanto alguns somente na escola quando estão fazendo atividades escolares. Quanto a frequência que realizam essa atividade, muitos leem com bastante frequência, alguns alunos dizem ler apenas às vezes, poucos afirmam que não leem em casa porque não gostam de ler, ainda, alguns afirmam que leem somente quando a professora de português manda ler ou nas aulas de leitura. Alguns não leem em casa por falta de tempo, mas leem na escola quando há aula de leitura; vários afirmam ler um livro por mês e, seguidamente, notícias na internet.

Comparando os dados desta pesquisa com a dos Retratos da leitura no Brasil, observa-se que os dados são próximos quanto ao tempo de leitura e ao local. Ficando o tempo de uma a três horas para a maioria. Sendo que as leituras realizadas fora da escola superam as realizadas na escola, mesmos resultados obtidos na pesquisa realizada pelo Pró-livro.

Conforme traz Silva (2000), a leitura se faz presente em todos os níveis de educação, e sua presença é marcante e abrangente, isso se comprova nas respostas dadas pelos alunos, pois afirmam praticar a leitura, uns meno, outros mais, porém a praticam, principalmente, na escola, apesar de alguns lerem também em casa, o que é bom, porque comprova que possuem o gosto pela leitura e estão levando-a para suas vidas além da escola.

Na questão 2: O que você costuma ler? Quais materiais disponíveis para leitura que mais lhe agradam?

Aluno	Resposta
1	“Livros, jornais, revistas. Os livros de contos”.
2	“Livros e revistas. Livros e revistas pois trazem assuntos bons”.
3	“Livros revistas e jornais. Revistas”.
4	“Costumo ler livros, romances...Histórias reais, e páginas na web, sobre notícias do dia”.
5	“Livros, revistas, jornais, etc. Livros baseados em histórias reais”.

6	“Livros jornais e revistas”.
7	“Jornais, livros de literatura, filosofia ou matérias científicas”.
8	“Jornal. As notícias”.
9	“Jornais, textos na internet, livros de ficção e outros temas. Prefiro ler livros”.
10	“Livros, jornais, revistas. O que mais me agrada são os livros”.
11	“Jornal, livros”.
12	“No jornal, sobre jogo do Grêmio”.
13	“Livros, folhetos e outros. Revistas”.
14	“Revistas, livros e outros”.
15	“Revistas, jornais, livros. Revistas”.
16	“Livros, livros que me chamam a atenção e revistas”.
17	“Livros de romance, ação. Revistas”.
18	“Romance, livros”.
19	“Jornal, de vez em quando livros de romance, além dos livros didáticos, jornais”.
20	“Costumo ler livros de auto-ajuda, de espírita, prefiro ler livros”.
21	“Noticiários. Internet e televisão, nos jornais gosto de ler noticiário e humor”.
22	“Costumo ler livros de romance e gosto também de ler jornais e revistas”.
23	“Gibi e algumas revistas. Revistas”.
24	“As atividades na escola e os testes. Revista”.
25	“Histórias em quadrinhos e revistas”.
26	“Livros, revistas, computador e jornais”.
27	“Bom este ano estou mais votada aos livros dos vestibulares mas leio também revistas ou livros de ação e romance”.
28	“Gosto de ler jornal, principalmente quando se trata de futebol e os

	aniversariantes. Também gosto de ler a revista da ITS que vem para as escolas”.
29	“Costumo ler histórias em quadrinhos, jornais, mas ultimamente estou lendo livros que a professora recomendou pra nós”.
30	“Livros e revistas. Livro, computador, revistas”.
31	“Livros, folhetos, (romance, comédia, etc) revistas”.
32	“Revistas da Its porque eu gosto muito do conteúdo e jornal acho muito interessante principalmente as notícias de futebol quando o inter ganha do Grêmio”.
33	“Me agrada mais ler revistas, jornais e mesmo no computador, assuntos diversos, pois não devemos saber só sobre um assunto e sim sobre vários”.
34	“Livros, revistas, jornais, assuntos na internet, os que me agradam são revistas e sites”.
35	“Costumo ler de tudo um pouco, gosto de leitura rápidas, fáceis, engraças ou informativas! Romances são um pedido quando estou apaixonada. Informação indispensável”.
36	“Revistas, ou alguma coisa relevante a saúde, moda e que me chama atenção. As vezes livros que são exigidos pelos professores”.
37	“Livros espíritas, livros de vestibular, revistas”.
38	“Livros de vestibular e revistas”.
39	“Revistas e livros de literatura”

Quadro 1.4 Respostas dadas pelos alunos à questão 2 do questionário sobre leitura.

Posto que, com base nas respostas apresentadas no quadro, todos os alunos fazem uso da leitura frequentemente, pois afirmam que os materiais disponíveis para leitura lhes agradam. E salientam que não somente na escola fazem uso da leitura, mas também em casa. Destacam gostar de ler livros dos mais variados assuntos, folhetos, jornais, revistas, textos oriundos de meios eletrônicos, livros didáticos disponibilizados na escola. Considera-se, com base, também, em Silva (2002), que

os professores trazem para sala de aula uma variedade significativa de materiais para leitura e, com base nesses materiais desenvolvem atividades prazerosas e significativas para seus alunos.

Na pesquisa Retratos da leitura no Brasil, as revistas são o material mais lido pelos pesquisados seguidas dos livros, já, nesta pesquisa os livros são o material mais lido, seguidos pelos jornais e revistas.

A terceira questão: **Os materiais trazidos para sala de aula são atrativos para você? Por quê?**

Aluno	Resposta
1	“Mais ou menos. Porque as vezes eles são antigos, o que não gera interesse”.
2	“De vez em quando textos, mas é difícil trazerem algo. São textos interessantes que chamam a atenção, os professores deviam trazer mais textos para lermos”.
3	“Depende. Eu odeio artigos de história, mas o restante eu gosto. Ah, também odeio literatura brasileira, é um saco. Também ganhamos a revista It's, mas ela traz muitos erros de português”.
4	“As vezes os professores trazem textos, mas é difícil. Quando trazem os textos são interessantes pois ajudam na aprendizagem”.
5	“Quando eles trazem, é interessante, isso raramente acontece”.
6	“As vezes quando o assunto me interessa”.
7	“Sim. Porque da lição de vida para nós”.
8	“Alguns, aqueles que são do meu agrado, que tem assuntos que me interessam, de bom conhecimento”.
9	“Não. Eu acho que os materiais trazidos para leitura são muito atrasados já esgotou o assunto e interesse”.
10	“Sim, todo mês tem revista das da It's para a gente ler. O que me atrai na revista é que ela fala numa linguagem como nós jovens podemos entender e assuntos que nos deixa com vergonha de se falar”.
11	“São, as vezes eles trazem revistas que são bons, e gosto de lê-los. Traz muitos assuntos sobre o Enem”.
12	“Alguns professores traz jornais, não são muito atrativos, porque não são do dia”.
13	“Sim, porque muitas vezes os livros que a professora manda ler são requisitados em universidades e abordam temas bem atraentes”.

14	“Sim, aqui na nossa escola todo mês ganhamos a revista It’s e eu leio essa revista umas três vezes por mês ou mais porque é muito legal. Jornal também sempre leio na escola”.
15	“Sim, porque tudo que é trazido é para melhorar nosso conhecimento”.
16	“Sim, as revistas que recebemos possuem assuntos de meu interesse, assuntos do dia-a-dia, e os livros também me ajudam para preparação dos vestibulares”.
17	“Sim, porque sou eu que escolho o que vou ler”.
18	“Sim. Porque sou eu quem vou escolher o que desejo ler”.
19	“Sim, porque trazem para nós muitas informações importantes. O nos ajuda a adquirir o prazer pela leitura”.
20	“Sim, porque trazem coisas importantes que vamos precisar para fazer o Enem, vestibular, etc...”
21	“Sim, porque sou eu que escolho o que vou ler”.
22	“Sim, os jornais e textos porque são novos conhecimentos”.
23	“Sim. Pois muitas vezes são interessante”.
24	“Nem sempre. Porque alguns são chatos”.
25	“Sim. Eu gosto de um material: É um livro sobre lição de vida com uma mensagem”.
26	“Sim, porque são coisas importantes para nós no futuro”.
27	“Sim, jornais e revistas”.
28	“Sim, jornais e revistas”.
29	“Sim, porque é mais interessante”.
30	“Sim, pois são livros clássicos da literatura brasileira”.
31	“Sim, porque são materiais que ajudam no desenvolvimento educacional do aluno”.
32	“Sim, porque fazem o aluno pensar no texto e refletir”.
33	“Sim, porque tem várias informações”.
34	“Porque trazem assuntos muito interessantes”.
35	“Porque fala coisas importantes”.
36	“Alguns sim, porque nem todos me interessam”.
37	“Nem sempre, porque não gosto de literatura brasileira”.
38	“Não. Não gosto de literatura são difíceis de interpretar”.
39	“Não, não gosto dos livros de literatura”.

Quadro 1.5 Respostas dadas pelos alunos à questão 3 do questionário sobre leitura.

Conforme as respostas apresentadas no quadro 1.5, a maioria dos alunos afirmaram que os materiais trazidos pelos professores para sala de aula são atrativos e contribuem para o desenvolvimento cognitivo, pois trazem novas informações, pois os professores costumam levar para a sala de aula jornais,

revistas, reportagens com assuntos atuais polêmicos; muitos alunos salientam que gostam de ler livros de literatura clássica sugeridos pelos professores pois, conforme eles, a maioria desses livros são pedidos nos vestibulares de ingresso às universidades. Poucos alunos relatam que os materiais trazidos para sala de aula não são atrativos, porque consideram que o material apresenta uma linguagem complicada e por isso sentem dificuldades ao interpretá-lo. Conforme apresentado em Retratos da Leitura no Brasil.

A leitura prazerosa é, de fato um dos mais importantes caminhos para o desenvolvimento de outras habilidades intelectuais, com forte impacto em todo o aprendizado. É por ela que o aluno tem acesso às diferentes áreas do conhecimento. (2008, p.77).

Diante disso, considera-se que nem todas as atividades desenvolvidas em sala de aula para desenvolver nos alunos o hábito da leitura são eficazes, pois não são, em partes, de agrado dos alunos, e como visto, para que a leitura seja significativa e traga contribuições ao sujeito que a pratica se faz necessário que o ato de ler seja, também, prazeroso.

A questão quatro: **Que atividades de leitura são desenvolvidas em sala de aula? Essas atividades lhe agradam?**

Aluno	Resposta
1	“Uma vez por semana,tem aula de leitura, não me agradam, pois nós pegarmos o hábito de ler devia ser mais vezes por semana”.
2	“A gente lê os conteúdos me voz alta, e a cada duas semanas temos aulas de leitura, onde podemos trazer leitura que nos interessam para ler”.
3	“Temos aula de leitura de 14 em 14 dias, também lemos o conteúdo, mas os professores exigem literatura brasileira, tornando essas aulas um horror, mas ler o conteúdo é muito bom”.
4	“Os conteúdos são lidos em grupo e a cada duas semanas tem uma aula de leitura onde cada aluno pode trazes o que quiser para ler e isso eu acho interessante”.
5	“Lemos os conteúdos dos livros didáticos, temos duas aulas de leitura por

	mês, quase sempre lemos livros. Não gosto de ler livros, mas gosto de ler os livros didáticos por isso nem sempre me agradam”.
6	“Lemos em voz alta, temos uma aula de leitura cada 15 dias, só não me agrada muito porque não sou muito fã de leitura”.
7	“Os conteúdos é bom para a compreensão dos conteúdos e as leituras a cada 15 dias”.
8	“Aula de leitura, lemos conteúdo em voz alta todos junto acompanhando, as vezes em voz baixa para entender mais facilmente. Depende do meu ânimo, se o dia ta bom gosto”.
9	“Bom, nosso colégio realiza uma hora aula de leitura a cada 15 dias e nesses momentos tenho muito prazer pois é um tempo a mais para leitura. E temos o material que o livro traz, mas esses momentos eu acho monótono”.
10	“Os professores pedem para ler um de cada vez sendo que todos os alunos podem participar eu gosto porque assim eu vou perdendo o medo de falar na presença de outras pessoas”.
11	“Normalmente costumamos ler em voz alta, mas quando tem aula de leitura cada um lê o seu livro. Gosto dessas aulas”.
12	“Leitura do conteúdo, a maioria das vezes em voz alta. Sim, se o conteúdo for interessante”.
13	“Sim fazemos seminários, temos aulas de leitura, lemos os conteúdos em voz alta, isso é bem agradável”.
14	“Na minha sala os professores pedem para cada aluno ler um parágrafo do capítulo que estamos estudando também cada 15 dias tem uma aula de leitura que podemos ler livros, revistas, jornal”.
15	“Lemos o conteúdo do livro em voz alta e duas vezes ao mês tem aula de leitura, considero acima de tudo importante, e dependendo do assunto é agradável”.
16	“Aulas de leitura, leituras coletivas nos livros didáticos me agradam sim.
17	“A cada 15 dias tem 45min de leitura, lemos um parágrafo cada aluno do conteúdo que está sendo estudado. Esta atividade me agrada porque eu gosto de falar e assim posso ler alto”.
18	“Leitura do conteúdo estudado, aulas de leitura. São agradáveis pois facilita a compreensão do conteúdo, e os outros de leitura são muito importante pois neste tempo lemos os livros que são cobrados nos vestibulares”.
19	“Tenho cronograma de leitura, e também os conteúdos estudados. Sim”.

20	“O conteúdo estudado. E também tem aulas de leitura. Sim”.
21	“Cada 15 dias temos uma aula destinada para leitura. Nem sempre me agrada porque algumas vezes ficamos atrasados no conteúdo”.
22	“Lemos silenciosamente durante as aulas de leitura, e oralmente durante as aulas normais. Sim”.
23	“Aula de leitura, Leitura em voz alta. Sim”.
24	“Temos aula de leitura toda semana e lemos textos referentes a matéria. Sim”.
25	“Temos aula de leitura toda semana. Sim, mas é um pouco desconfortável”.
26	“Temos aula de leitura toda semana. Sim, quando tem silêncio”.
27	“Aula de leitura, uma vez por semana”.
28	“Aula de leitura uma vez por semana. Sim”.
29	“Aula de leitura, sim”.
30	“Existem aulas de leitura, e lemos oralmente também, gosto de ler oralmente”.
31	“Horas de leitura, que ajudam no melhor saber do aluno”.
32	“Aula de leitura, sim”.
33	“Horários de leitura. Sim”.
34	“Horários de leitura”.
35	“Horários de leitura”.
36	“As aulas de leitura, sim”.
37	“São realizadas semanalmente aulas de leitura, mas não é bom não, pois poucos leem”.
38	“Aulas de leitura, e as aulas que possamos ler com toda a turma”.
39	“As aulas de leituras.”

Quadro 1.6 Respostas dadas pelos alunos à questão 4 do questionário sobre leitura.

A maioria dos alunos afirmaram que as atividades de leitura realizadas em sala de aula lhes agradam, citam entre elas: leitura silenciosa na aula semanal de leitura, leitura em voz alta de textos do livro didático no decorrer das aulas, leitura de textos trazidos pelos professores sobre os conteúdos que são estudados. Frisam que as atividades de leitura auxiliam no seu melhoramento intelectual. Poucos ressaltam que não gostam das atividades relacionadas à leitura. Conforme PNLL.

É preciso, portanto, que – da educação infantil à pós-graduação – a criança/aluno usufrua de um ambiente de forte e permanente estímulo à leitura, quer através do livro, quer através dos demais suportes que tornam a leitura uma atividade cada dia mais necessária a todos. ([s.a.] [s.d.]).

Logo, vê-se que os alunos pesquisados possuem incentivo à leitura, pois a maioria afirma gostar das atividades, e se gostam, sinaliza que as atividades são atrativas e os indaga ao gosto pela leitura, porém diante da afirmativa de alguns alunos não gostarem das atividades, se faz necessária a busca por novas metodologias que os levem, também, a possuir o gosto pela leitura.

Na questão 5: **“Você faz uso da leitura em sua vida além da escola? Em que situações?”**

Aluno	Resposta
1	“Em casa de vez em quando leio quando estou de folga e a noite”.
2	“Sim, leio em minha casa, de preferência quando tiver silencio, pois me concentro mais facilmente. E entendo melhor o livro”.
3	“Sim. Gosto de ler jornais de agricultura e tecnologia em agropecuária, outros livros que gosto é o da nova literatura, não gosto de escrever errado”.
4	“Sim, para se informar do que está acontecendo e ficar atualizado”.
5	“Agora não. Quando eu era mais pequeno sim, pois agora não arranjo tempo”.
6	“Se tiver retorno econômico eu leio, negócios”.
7	“Eu leio quando mesmo eu não tenho nada mesmo o que fazer para me distrair”.
8	“Sim quando estou em casa, desanimada gosto de ler para me distrair”.
9	“Costumo ler bastante sobre religião, espiritismo e questões políticas, quando estou no computador”.
10	“Depende do assunto eu leio. Sempre que posso”.
11	“Em casa tenho outros livros que costumo ler quando não tenho nada para fazer”.
12	“As vezes em casa, quando não tem coisas para fazer.
13	“Sim, procuro ler sempre, nas férias, finais de semana. Gosto de ler é prazeroso”.
14	“Sim, quando não estou muito ocupada pego um livro ou revista e acho muito interessante ou gosto eu não paro sem terminar de ler, geralmente eu costumo ler em casa a noite quando todos estão dormindo”.
15	“Não faço muito uso não, mas quando estou folhando uma revista ou jornal e vejo algo que me chama a atenção leio sim ou quando me recomendam um livro”.
16	“Sim, gosto muito de livros de auto-ajuda, reflexão, alguns de psicologia,

	isso me ajuda no meu dia-a-dia a tomar algumas decisões, enfim busco opiniões em livros também”.
17	“Sim, gosto de ajudar nas leituras bíblicas da igreja no domingo. Leio as musicas que escrevo, poesias, etc”.
18	“Nas férias, procuro sempre estar atenta a novas questões que surgem no dia-a-dia, lendo assuntos que me chamam atenção”.
19	“Sim, em casa, na igreja, etc”.
20	“Sim, quando não tenho nada para fazer em casa aí eu leio, tenho alguns livros em casa. Na igreja”.
21	“Sim, gosto de ler assuntos curiosos para descontraír. Conteúdos para o vestibular”.
22	“Sim, durante o tempo livre”.
23	“Sim, em casa quando tenho tempo livre”.
24	“Sim, Quando tenho tempo livre”.
25	“Sim, eu costumo ler tudo o que vejo desde uma etiqueta de roupa, até um jornal. A leitura está presente em todo momento de nossa vida, e às vezes nem percebemos”.
26	“Sim, no mercado, no banco, quase em todas as situações de minha vida”.
27	“Sim, em casa”.
28	“Sim, no ônibus e em casa”.
29	“Sim, em casa”.
30	“Sim, na internet e livros”.
31	“Leio em casa em momentos que estou vago”.
32	“Sim, em todas porque em qualquer lugar que você for você estará lendo”.
33	“Sim, de trabalho”.
34	“Sim, no trabalho”.
35	“Sim, no trabalho”.
36	“Sim, para obter informações em jornais, revistas”.
37	“Sim, pois a leitura está presente em todos os lugares”.
38	“Sim. Leio bastante em casa, a noite”.
39	“Sim, em casa”.

Quadro 1.7 Respostas dadas pelos alunos à questão 5 do questionário sobre leitura.

Verifica-se que todos os alunos pesquisados fazem uso da leitura em muitas situações além da escola, entre elas: no supermercado, no banco, nas horas de folga em que estão navegando na *web*, no trabalho, entre outras. Salientam que a leitura é um meio importante de se obter informações, que a leitura está presente em todos os lugares a que se vai, e por isso é muito importante. Em todos os lugares que se vai faz-se uso da leitura, seja para se localizar, informar-se, ou somente pelo prazer de ler. Destacam, ainda, que a leitura está presente em todas as situações, e

que às vezes se faz uso dela sem perceber, como quando se lê uma etiqueta de uma roupa.

Diante disso, considera-se que os alunos possuem hábitos de leitura e que apresentam características de serem letrados, pois fazem uso dos processos de leitura e de escrita em sua vida cotidiana o que, com base em Soares (2006), caracteriza a prática do letramento.

5.3 A PRÁTICA DE LEITURA DOS PROFESSORES

Para identificar a prática de leitura dos professores foram realizadas questões sobre o tempo dedicado à leitura, bem como as práticas da mesma e os locais.

Na questão 1: **“Você costuma ler? Com que frequência realiza esta atividade? Onde você lê? E o que você costuma ler?”**

Professor	Respostas
1	“Leio, principalmente jornais, sempre que tenho tempo procuro os jornais da escola e leio”.
2	“Sim. Todos os dias. Na escola ou em casa”. Econômicas, sociais e tecnológicas”.
3	“Leio diariamente na escola ou em casa (menos frequência); procuro ler o jornal do DC e gosto de revistas, principalmente a superinteressante”.
4	“Sim. De cinco a sete vezes por semana. Em casa na escola. Leio livros, jornais e revistas”.
5	Sim, todos os dias, em casa na escola, livros, revistas, jornais, o que tenho no momento”.
6	A leitura em minha vida é prática diária. Leio em todos os momentos de folga ou descanso. O lugar não importa, importa o que estou lendo. Jornais diários, romances, revistas, livros autobiográficos são algumas leituras que me interessam”.
7	“Nem sempre; realizo em casa, revistas, jornais e alguns livros”.
8	“Leio muito. Muitas vezes teoria porque a universidade exige, mas o

	que gosto mesmo é aventura e romance”.
9	“Costumo ler todos os dias por, pelo menos, meia hora. Leio em casa livros de assuntos diversos: auto-ajuda, romance, psicologia, etc”.
10	“Sim, todos os dias, em casa, na escola e leio assuntos variados, dos jornais e assuntos voltados a ciência dou prioridade, pois é a fim de área de atuação”.
11	“Sim. Diariamente em casa, escola, jornais, revistas, material de educação física”.
12	“Sim! Todos os dias devido ao meu trabalho, na escola e na faculdade, em casa nos final de semana. Livros, revistas, jornais”.
13	“Sim, todos os dias. Na minha casa e na escola onde trabalho. Na escola conteúdos de minhas disciplinas em casa conteúdos do mestrado em história”.
14	“As vezes em casa, na escola e quando viajo durante a viagem. Lemos ficção, ação, ciência, tecnologias e terror”.
15	“Costumo ler diariamente na escola e também em casa. Leio revistas, jornais, livros didáticos, livros sobre psicologia e principalmente novidades científicas e a Bíblia”.

Quadro 1.8 Respostas dadas pelos professores à questão 1 do questionário sobre leitura.

Todos os professores afirmam que leem diariamente. Frisa-se que todos os professores realizam atividades de leitura na escola, em casa e no trabalho; esses professores costumam ler revistas, jornais, livros de literatura clássica e livros voltados para suas respectivas áreas de atuação, entre eles livros didáticos, alguns leem livros de auto-ajuda, psicologia, revistas de economia, sociais, tecnológicas e educacionais, também leem a bíblia e revistas de divulgação científica.

Conforme a Política Nacional do Livro, Leitura e Biblioteca (2004): “A leitura e a escrita constituem um direito que todas as pessoas têm, uma condição para poder exercer seus direitos fundamentais, para viver uma vida mais digna e para construir uma sociedade mais justa”. Diante disso e das respostas dadas pelos professores, considera-se que todos eles fazem uso desse direito conquistado, pois as práticas de leitura e escrita estão presentes em suas vidas.

Na questão 2: **“Em que situações, além da escola, você faz uso da leitura? Que leituras realiza?”**

Professor	Respostas
1	“Livros que eu pego na biblioteca ou emprestado de alguém”.
2	“Sim. Econômicas, sociais e tecnológicas”.
3	“Como já foi citado, leio em casa mas com menor frequência, principalmente revistas e textos da internet”.
4	“Sim. Leio livros para distração, jornais e revistas para estar informada sobre os acontecimentos atuais”.
5	“Eu leio todos os dias pois a leitura faz-se necessária”.
6	“Sim. Todas as citadas na questão anterior”.
7	“Revistas e jornais quando sobra mais tempo ‘férias’ leio alguns livros”.
8	“Leio os livros que estão na biblioteca para indicar para que meus alunos leiam depois”.
9	“Idem 1”
10	“Sim, as citadas anteriores, bem como na internet”.
11	“Casa – jornais – revistas – material de educação física”.
12	“Em casa gosto de ler jornais e revistas que trazem notícias regionais do dia-a-dia”.
13	“Em minha casa conteúdos de história regional e história geral”.
14	“Geralmente não”.
15	“Leituras de revistas científicas, livros de romances, mas principalmente, leituras sobre o estudo da mente humana, psicologia e textos bíblicos”.

Quadro 1.9 Respostas dadas pelos professores à questão 2 do questionário sobre leitura.

Com base nas respostas do quadro, constata-se que os professores leem além da sala de aula, revistas, jornais e alguns livros. Retiram livros que estão na biblioteca da escola para indicar aos seus alunos. Descrevem que também fazem uso da leitura na internet, resolvendo situações cotidianas.

Em retratos da Leitura no Brasil (2008, p. 105) consta: “A leitura e a escrita são ferramentas indispensáveis para o domínio do meio sociocultural e para o processo do conhecimento e compreensão do mundo”. Logo, posto que nem sempre os professores realizam atividades de leitura além da escola, considera-se que não usufruem o direito desse domínio citado em retratos da leitura no Brasil, pois ao afirmar que, geralmente, não leem fora do ambiente escolar, afirmam também que não possuem o hábito da leitura, e logo podem ser considerados sujeitos com lacunas nas condições de letramento.

Na questão 3: **“Quais as atividades de leitura que estão presentes em sua**

prática em sala de aula?”

Professor	Respostas
1	“Textos didáticos, leituras conforme o contexto em que sendo trabalhado”.
2	“Econômicas, sociais e tecnológicas”.
3	“As disciplinas que leciono são teóricas e sendo assim, a leitura é fundamental para o entendimento dos conteúdos. Leitura individual, coletiva, de textos complementares são utilizados”.
4	“Interpretação de atividades que utilizo e repasso para os meus alunos, conforme o conteúdo trabalhado”.
5	“Nos conteúdos didáticos, e em texto quando necessário para auxiliá-los nas dificuldades”.
6	“Além do projeto de leitura da escola, trago para a sala de aula textos interessantes e que contribuam para o crescimento intelectual de meus alunos. Sugestões de leitura também é algo que ocorre na sala de aula”.
7	“Revistas jornais e livros didáticos”.
8	“Diversas. Tanto a oral quanto a escrita. Leitura de figuras, diversos tipos textuais, exemplos: propaganda, convite, entre outros”.
9	“Textos referentes ao conteúdo”.
10	“Aquecimento global, efeito estufa, próalcool, ciência e tecnologia, enfim”.
11	“Todo material, conhecimento geral, além da educação física”.
12	“- Interpretação de textos. Relacionar o conteúdo. Desenho.”
13	“- Interpretação de texto. - Relação de textos com iconografias.”
14	“Leitura, interpretação e redação de textos”.
15	“Leitura de textos do livro didático e quando encontro novidades científicas em revistas e periódicos”.

Quadro 1.10 Respostas dadas pelos professores à questão 3 do questionário sobre leitura.

Diante dessas respostas, observa-se que os professores afirmam que a prática da leitura se faz presente em suas aulas, por meio de atividades com o uso de textos referentes aos conteúdos, seja em revistas, em jornais ou em livros didáticos; de acordo com eles com os textos trazidos para a sala de aula são

realizadas atividades de interpretação, as quais requerem muita leitura para que haja um bom desenvolvimento.

Para os docentes, a prática da leitura é fundamental para a compreensão dos conteúdos, visto que, segundo eles, ministram disciplinas que, em sua maioria, são basicamente teóricas. Descrevem, ainda, que fazem trabalhos em grupos envolvendo a leitura e a interpretação, o que auxilia no crescimento intelectual dos alunos, pois eles leem, interpretam e trocam diferentes olhares acerca de um mesmo texto.

Os professores dizem que buscam levar para seus alunos textos interessantes que possam contribuir para o desenvolvimento dos mesmos, despertando neles, também, o gosto pela leitura, pois segundo Freire (2005) o gosto da leitura constrói-se a partir da interação do sujeito leitor com o material de leitura.

Diante disso, considera-se que são muitas as atividades desenvolvidas pelos professores em sala de aula, e que elas, em sua maioria, além de auxiliar no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem contribuem para o desenvolvimento do hábito da leitura, visto que os materiais utilizados para essas atividades são diversificados, e buscam atender aos interesses dos alunos, logo podem ser consideradas como atividades letradas por serem significativas, pois com base em Tfouni (2004), uma atividade letrada é aquela significativa ao aluno, que pode o auxiliar na vida além da escola. Porém, acredita-se que, ainda, se faz necessário que esses profissionais da educação busquem metodologias mais diversificadas para o trabalho com a leitura.

Na questão 4: **“Você incentiva o hábito da leitura em seus alunos? Que atividades realiza para motivá-los?”**

Professor	Respostas
1	“Com certeza. Comentando sobre livros que li, ou de acordo com a escola literária em que está sendo trabalhada ou ainda comentando sobre determinados escritores”.
2	“Sim. Fazer horas de leitura (aulas)”.
3	“Sim, incentivo procurando mostrar reportagens ou pesquisas publicadas, para que busquem leituras extras. A escola também

	promove palestras referentes a este tema”.
4	“Sim. Apoio e realizo as aulas realizadas pela escola”.
5	“Sim, todos os dias, isso depende do conteúdo que estou trabalhando”.
6	“Sim. Sugiro títulos que já tenha lido. Peço sugestões dos próprios alunos”.
7	“Nós temos – uma aula de leitura por semana com nossos alunos”.
8	“Sim. Levo eles no mínimo uma vez por semana, ajudo na escolha dos livros, após ler um livro conto a eles e deixo um suspense no final”.
9	“Sim, lendo textos mensagens e fazendo comentários de livros que já li ou estou lendo”.
10	“Sim, leitura de textos em sala, ler reportagem em casa e comentar na escola”.
11	“Sim! Ler em grupo – Cada aluno lê um parágrafo”.
12	“Sim. Sempre estou comentando com eles para que eles fazem uma leitura do assunto em sala de aula em casa. E para eles escrever o que eles entenderam do conteúdo lido”.
13	“Sim. Comento os conteúdos. Peço para fazer leituras em casa e escrever o que eles entenderam”.
14	“As vezes”.
15	“Procuro frisar a importância da leitura em todos os trabalhos desde a realização de cálculos que envolvem problemas com de textos explicativos e o que diz respeito ao desenvolvimento da pessoa: estudante, trabalhador, enfim”.

Quadro 1.11 Respostas dos professores à questão 4 do questionário sobre leitura.

Conforme se observa no quadro 1.11, todos os professores descrevem que buscam incentivar, por meio de atividades escolares, o hábito da leitura, motivam os alunos contando parte das histórias dos livros de modo a despertar a curiosidade nos alunos para saber o final das histórias, o que o fará ler o livro; como também realizam uma aula semanal de leitura e fazem visitas à biblioteca da escola, na qual os alunos podem manusear os livros e escolher aquilo que desejam ler; incentivam, também, por meio do diálogo com os alunos acerca da importância da leitura para a vida. Costumam levar para seus alunos reportagens que complementam seus

conhecimentos fazendo com que os alunos busquem leituras extras. Salientam que a escola promove palestras sobre a necessidade e importância da leitura, também buscam apoiar e realizar a prática da dessa atividade, tanto nas aulas de leitura semanais, como nas demais aulas e mesmo em ambientes externos à escola.

Com base em Smith (1999), os sujeitos se tornam leitores quando são indagados por meio de atividades significativas, ou seja, quando aquilo que se lê traz um assunto de seu interesse, algo que lhe desperta curiosidade. Vê-se que os professores pesquisados buscam realizar atividades deste tipo, pois selecionam materiais extras e permitem aos seus alunos a escolha daquilo que desejam ler, logo os alunos possuem liberdade para ler os materiais que trazem assuntos de seu interesse.

Na quinta e última questão: **“O que você entende por letramento e que atividades realiza com seus alunos para aperfeiçoar o letramento na sua área de conhecimento?”**

Professor	Respostas
1	“Entendo que seria o aperfeiçoamento do saber, ou seja, por meio da leitura o indivíduo vai se tornando letrado”.
2	“Entendo que como conheço é o conhecimento na área determinada, pesquisar em livros, internet, realizar demonstrações práticas – na sala com os alunos (experiências)”.
3	“Entendo o letramento como sendo a prática da decodificação e compreensão das palavras/frases/textos. Leitura, interpretação discussão aperfeiçoam o letramento”.
4	“Letramento é o conhecimento que eu tenho na minha área. Apenas repasso os textos e faço resumos de textos em encontro em livros, sobre os assuntos trabalhados na turma, que não deixa de ser uma forma de leitura”.
5	“O conhecimento dentro da área que atuo, leituras em sala de aula, pesquisas”.
6	“Letramento é ter/dar condições de o sujeito fazer uso do que aprende na sua relação com o mundo e com o outro. É através das várias leituras que se promove o letramento”.
7	“É o resultado da ação de ensinar a ler e escrever. Leitura de textos em

	sala de aula. Relatórios. Trabalhos descritivos, etc”.
8	“Acredito que é saber organizar as letras para escrever um texto de forma correta. Escrever, ler e digitar auxiliam muito os alunos no letramento. Lendo os alunos adquirem com contato com as letras e, depois escrever se torna uma brincadeira”.
9	“É o conhecimento dos símbolos que permitem a leitura e a escrita. Faz-se leitura e interpretação das atividades. A escola faz aula de leitura uma vez por semana”.
10	“Bastante cobrança em ortografia, e boa leitura, muita leitura”.
11	“Letramento é o conhecimento das atividades práticas e escritas realizadas pelos alunos, para aperfeiçoá-las usamos palestras, materiais didáticos – muitas repetições”.
12	“Letramento é inserir alguém na leitura. Faço eles ler o conteúdo e depois contar a história para o grande grupo em sala. Faço com que eles escrevam bastante para aperfeiçoar cada vez mais”.
13	“Letramento significa inserir alguém na leitura. Aperfeiçoamento ocorre quando consigo abstrair reflexões que estão além daquilo que aparece na escrita”.
14	“Conhecimento adquirido através da leitura. Atividades de leitura e interpretação”.
15	“É tomar conhecimento de códigos e aprender a decodificá-los; como na escrita e na leitura não é só identificar letras mas entender a mensagem que elas nos transmitem, também nas demais áreas do conhecimento é necessário a prática diária para melhor aproveitamento de todas as informações.”

Quadro 1.12 Respostas dadas pelos professores à questão 5 do questionário sobre leitura.

A maioria dos professores entendem o letramento como o resultado da ação de ensinar a ler e escrever, como também o conhecimento dos símbolos que permitem a realização da leitura e da escrita e sua interpretação de modo que lhes possibilitam adquirir novos conhecimentos. Esses professores salientam que realizam atividades para aperfeiçoar o letramento, entre elas: leituras de textos em sala de aula, trabalhos descritivos, atividades de interpretação e aulas destinadas somente à leitura, nas quais os alunos possuem liberdade para escolher quaisquer materiais para lerem.

Alguns professores responderam que o letramento é o aperfeiçoamento dos conhecimentos já existentes, ou seja, fazer com que, por meio da leitura, interpretação, o aluno vá se tornando letrado, conhecedor de assuntos e realidades diversas. Esses professores frisam que para aperfeiçoar o letramento de seus alunos os indagam a pesquisar, seja em livros, internet ou outros meios, também realizam demonstrações práticas de atividades teóricas com os alunos (experiências), e buscam, sempre, relacionar os conteúdos teóricos com situações vivenciadas por eles em suas vidas. Todos os professores escreveram que ser letrado não é somente decodificar os símbolos, letras, mas compreender a mensagem que eles trazem.

Consoante ao conceito de Soares (2006) sobre letramento, apresentado nos capítulos anteriores, que consiste no uso social das práticas de leitura e escrita, ou seja, é saber fazer uso desses processos na vida escolar e além dela, observa-se que os professores, nas suas respostas, manifestam conhecimento do conceito, no entanto, nem todas as atividades de leitura propostas se caracterizam como práticas de letramento, pois uma das condições para a leitura significativa é a reflexão e essa nem sempre está presente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é o alicerce para o desenvolvimento intelectual dos seres humanos, por isso é de suma importância que a escola abra mais espaços, realize projetos de incentivo à leitura significativa e, também, que as comunidades participem dos mesmos.

Além disso, é necessário que cada cidadão aceite o grande desafio de adquirir o hábito da leitura, tomando consciência da importância da leitura, em âmbito coletivo e individual para os sujeitos que vivem em sociedade. Visto que quanto mais se fazer uso das práticas de leitura, maior será o horizonte de abrangência mental do sujeito, pois com acesso a informações, mais ele pode refletir acerca dos fatos que o cercam.

Considerando a primeira questão de pesquisa: Que modalidades de leitura estão sendo desenvolvidas com os estudantes do ensino médio. Considera-se que as atividades desenvolvidas com estudantes em sala de aula são bastante diversificadas, entre elas destacam-se a leitura coletiva, a leitura individual, em voz alta e a leitura silenciosa.

As estratégias de leitura discutidas no quadro teórico deste estudo, os aspectos a serem considerados na seleção de material e desenvolvimento de práticas de leitura, ou seja a realidade social, o nível intelectual, a correspondência das expectativas, o nível de compreensão e interpretação dos alunos são fundamentais para a construção de práticas de leitura significativa.

Na segunda questão de pesquisa: Como ocorre a prática de leitura de professores e estudantes do terceiro ano de ensino médio, em sala e fora dela? Os dados da pesquisa apontam que os alunos leem em sala e, também, em ambientes além da escola, conforme eles, a leitura realizada em sala de aula é diversificada e atrativa. Da mesma forma, os professores, em sua maioria, leem, tanto em sala de aula como fora dela. Para a sala, livros didáticos e materiais extras acerca do conteúdo estudado são trazidos para melhorar o nível de compreensão dos alunos. Em casa, tanto os alunos como os professores costumam ler materiais que condizem com seus gostos pessoais. Frisa-se que os professores afirmam buscar

trazer para os alunos materiais diversificados para despertar neles o gosto pela prática da leitura. Apesar de, conforme pode ser observado nas respostas dadas por eles, nem todos os profissionais são leitores assíduos.

Considerando a terceira questão pesquisa: Que materiais são lidos por professores e alunos do terceiro ano do ensino médio? Observa-se, com base nos dados obtidos, que os materiais lidos pelos alunos são livros didáticos, jornais, revistas, livros de romances, livros de auto-ajuda, livros de literatura, Bíblia, livros de psicologia, textos da internet e histórias em quadrinhos. Quanto aos professores, verificou-se que eles leem revistas, jornais, materiais didáticos, livros técnicos de sua área de formação, artigos, e textos acerca dos conteúdos que serão trabalhados em sala de aula e textos oriundos da internet.

Na quarta questão de pesquisa: Como os professores motivam seus alunos para a prática de leitura significativa? Considera-se que os professores, na busca de motivar os alunos para a prática de leitura significativa, trazem textos com assuntos atuais, buscando textos que tragam a realidade dos alunos para que a leitura seja significativa. Realizam uma aula de leitura semanal, além de fazerem visitas à biblioteca para que os alunos possam manusear e escolher o livro que desejam ler, costumam contar parte dos livros que leram para que os alunos sintam o desejo de saber o final da história e assim, também, leiam o livro. Afirmam que sempre que possível conversam com os alunos sobre a importância da leitura.

A última questão de pesquisa: Qual o nível de leitura significativa de alunos e professores do terceiro ano de ensino médio? Quanto ao nível de leitura significativa considera-se que o desempenho no teste manifesta que alunos e professores possuem nível médio de leitura significativa, visto que o desempenho geral ficou entre 50% e 90%. A questão que envolvia a reorganização textual é que manifestou dificuldades para alguns alunos, esses não foram capazes de aplicar a escrita em uma de suas funções sociais, ou seja, elaborar um bilhete para outra pessoa ler e compreender.

Verificou-se que todos os alunos pesquisados que compõem a amostra apresentaram considerável compreensão e interpretação de textos, o que demonstra que sua leitura é significativa, pois compreendem, senão o todo pelo menos parte do que leem, porém, o fato de não compreenderem o todo, faz com que fique explícita a

necessidade de estratégias diversificadas em sala de aula e, também, fora dela, para que estes alunos melhorem suas condições de leitura, ou seja, que consigam ler e retirar o maior número de informações contidas nos textos, tanto informações explícitas como as implícitas.

Os professores pesquisados apresentaram ter leitura significativa, ou seja, interpretam textos, conseguem coletar as informações contidas neles. No entanto, como não conseguiram retirar todas as informações do texto necessárias para a resolução das questões do teste de leitura significativa, considera-se que são necessários cursos de formação continuada para esses profissionais, para possibilitar-lhes oportunidade de aprimoramento de suas práticas de leitura. Posto que cabe aos professores o compromisso de promover o processo da leitura, trabalhando com vários gêneros textuais existentes na sociedade letrada, proporcionando, assim, o desenvolvimento das habilidades de leitura.

Porém, cabe colocar que, apesar de alunos e professores terem leitura significativa, ainda se faz necessário um trabalho continuado para aprimorá-la, posto que apresentaram erros em quantidade significativa em algumas questões, como é o caso das questões 4 e 9, essas consideradas difíceis com base no conceito de Vianna (2002), o que comprova a necessidade de projetos de leitura com maior abrangência, e não com enfoque apenas na distribuição de materiais para leitura, mas também na conscientização da população de que a leitura é primordial para a vida.

Estabelecendo um paralelo entre esta pesquisa e a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2008), observa-se que os dados se aproximam, pois em muitos aspectos as práticas de leitura se assemelham, entre elas, destacam-se o tempo dedicado à leitura, os espaços de leitura, os materiais de leitura, gêneros textuais mais lidos. Partindo desses aspectos, pode-se afirmar que o retrato da leitura de São José do Cedro e de Palma Sola não é diferente do retrato da leitura no Brasil.

Por fim, espera-se que os resultados obtidos nesta pesquisa possam vir a contribuir para a elaboração de novas estratégias e materiais de leitura que resultem na melhoria das condições das práticas de leitura no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALLIENE, Felipe. CONDEMARÍN, Mabel. **Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. 8. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

BAMBERGER, Richard. **Como Incentivar o hábito de leitura**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1988.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2. ed., 2004.

BRASIL. **PNLL**: Plano Nacional do Livro e Leitura. Disponível em: <http://www.pnll.gov.br/>. Acesso em: 13 de junho de 2010.

_____. **Retratos da Leitura no Brasil**. Organizador: Galeno Amorim. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

_____. **Política Nacional do livro, leitura e bibliotecas**: Diretrizes básicas. Ministério da Cultura, 2004.

CARVALHO, Sérgio Waldeck de. SOUZA, Luiz Marques de. **Compreensão e Produção de Textos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 10. ed., 1995.

GIL NETO, Antônio. **A produção de Texto na Escola**: uma trajetória da palavra. São Paulo: Edições Loyola, 4. ed., 1996.

FERREIRA, Aurélio B. **Novo Dicionário Aurélio Século XXI**: O dicionário da língua portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FILHO, Luciano Mendes de Faria. **Modos de Ler Formas de Escrever**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

FOUCAMBERT, Jean. **A Leitura em Questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos.** 46. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KATO, Mari. **O aprendizado da leitura.** 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KAUFMAN, Ana María. **A leitura, a escrita e a escola: uma experiência construtivista.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. **Escola, leitura e produção de textos.** Porto Alegre: Artimed, 1995.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa.** Campinas - São Paulo: Pontes, 2008.

_____. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura.** Campinas: São Paulo: Pontes, 8. ed. 2002.

_____. **Oficina de Leitura: teoria e prática.** 8. ed. São Paulo: Pontes, 2001.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Editora Ática, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Leitura e os Leitores.** Campinas, São Paulo: Pontes, 1998.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Petrópolis – RJ: Vozes, 2^a ed., 1998.

ROJO, Roxane. **Alfabetização e Letramento: Perspectivas Linguísticas.** Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

SANTA CATARINA, **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas Curriculares.** Florianópolis: GOGEM, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** 8. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

_____. **De Olhos abertos:** reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Editora Ática, 1991.

_____. **Leitura na Escola e na Biblioteca.** 5. ed. Campinas – São Paulo: Papirus, 1995.

_____. **Elementos de Pedagogia da Leitura.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Leitura e Realidade Brasileira.** 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SMITH, Frank. **Leitura significativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul LTDA, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 5. ed. 6ª reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SNYDERS, Georges. **Alunos felizes:** reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura.** 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEBEROSKY, Ana. TOLCHINSKY, Liliana. **Além da Alfabetização:** A aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

TFOUNI, Leda V. **Letramento e Alfabetização.** 6. ed. São Paulo: Cortez, (Coleção Questões da nossa Época; v.47). 2004.

VIANNA, Heraldo Marelím. **Testes em educação.** 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)